

A NECESSIDADE DE RELACIONAMENTOS SUSTENTADORES CONTÍNUOS

Embora relacionamentos sustentadores consistentes, que cuidam, educam e promovem o desenvolvimento, com um ou alguns cuidadores, sejam admitidos pela maioria de nós como uma necessidade para bebês e crianças pequenas, não colocamos em prática essa crença comumente defendida. A importância desse cuidado tem sido demonstrada há algum tempo. Os filmes de René Spitz e os estudos de Spitz e John Bowlby revelaram ao mundo a importância do cuidado sustentador para a saúde física, emocional, social e intelectual das crianças e as terríveis consequências do cuidado institucional. Outros pioneiros, como Erik Erikson, Anna Freud e Dorothy Burlingham revelaram que, para passar com sucesso pelos estágios da primeira infância, as crianças necessitam mais do que uma ausência de privação; elas requerem um cuidado sensível, sustentador, para construir capacidades de confiança, empatia e compaixão.

Estudos mais recentes revelaram que padrões familiares que prejudicam o cuidado sustentador podem levar a um comprometimento significativo nas capacidades cognitivas e emocionais. Interações sustentadoras, afetuosas, com bebês e crianças pequenas, por outro lado, ajudam o sistema nervoso central a crescer adequadamente. Escutar a voz humana, por exemplo, ajuda os bebês a aprenderem a distinguir sons e a desenvolver a linguagem. Experiências interativas podem resultar no recrutamento de células cerebrais para fins particulares – células extras para audição em vez de visão, por exemplo.¹ Trocar gestos emocionais ajuda os bebês a aprenderem a perceber e responder a indícios emocionais e a formar um senso de *self*. Registros cerebrais de indivíduos mais velhos mostram que experiências que são de maneira adequada, emocionalmente motivadoras e interessantes utilizam os centros de aprendizagem do cérebro diferentemente de experiências que são excessivamente ou pouco estimulantes.

Privação ou alteração de experiências necessárias pode produzir uma variedade de déficits. Quando há pouca interferência com a visão, por exemplo, foram observadas dificuldades que variam de cegueira funcional a problemas com percepção profunda e compreensão espacial.² Estresse emocional também está associado com alterações na fisiologia cerebral.³

Em geral, há uma interação sensível entre predisposições genéticas e experiência ambiental. A experiência parece adaptar a biologia do bebê a seu ambiente.⁴ Nesse processo, entretanto, nem todas as experiências são as mesmas. Relacionamentos emocionais sustentadores são a base primária mais crucial para o crescimento, tanto intelectual quanto social.

Em nível mais básico, os relacionamentos promovem calor, intimidade e prazer; fornecem estabilidade, segurança física e proteção de doenças e ferimentos; além de suprirem necessidades básicas de nutrição e abrigo. Os aspectos "regulatórios" dos relacionamentos (por exemplo, proteção das crianças contra estimulação excessiva ou escassa) ajudam as crianças a permanecerem tranqüilas e alertas para nova aprendizagem.

A pesquisa com recém-nascidos feita por um de nós (TBB) mostra que um bebê recém-nascido tentará manter-se sob controle a fim de ver e escutar os indícios à sua volta.⁵ Ele reunirá quatro reflexos mesencefálicos – tônico cervical assimétrico, mão para a boca de Babkin, busca e sucção – a fim de permanecer alerta. Se não for bem-sucedido e perder o controle, usará a voz ou o toque humano para reforçar seu esforço de regular seu "estado" de alerta.

Por volta dos oito meses de idade, segundo essa mesma pesquisa, ele será capaz de distinguir e responder diferencialmente à voz e à face de sua mãe, *versus* as de seu pai, *versus* a de um estranho. Ele está silenciosamente alerta à sua mãe e pronto para uma interação divertida com seu pai. Cada uma dessas pessoas importantes terá aprendido seus ritmos e sinais, e o bebê terá criado uma expectativa de reagir adequadamente com eles. Esses são os ingredientes para um forte senso de auto-estima no futuro e para a motivação para aprendizagem mais tarde. Além disso, essa aprendizagem está estimulando sua capacidade de manter o controle do impulso para o futuro. A aprendizagem mais importante nos primeiros anos é fornecida pela interação humana. Objetos e instrumentos de aprendizagem não têm comparação.

Um de nós (SIG) demonstrou que relacionamentos e interações emocionais também ensinam comunicação e pensamento. Inicialmente, o sistema de comunicação do bebê é não-verbal. Ele envolve gestos e indícios emocionais (sorrisos, olhares assertivos, caretas, apontar, pegar e devolver, negociar, etc.). Desses, surge um sistema complexo de solução de problemas e interações reguladoras que continuam durante toda a vida do indivíduo. Embora esse sistema não-verbal eventualmente funcione em conjunto com símbolos e palavras, ele continua sendo o mais fundamental. (Por exemplo, tendemos a confiar mais nas expressões não-verbais ou olhares de aprovação de alguém do que em palavras de elogio, que são, às vezes, engadoras; e nos afastamos de uma pessoa com olhar hostil, mesmo que a pessoa diga "Você pode confiar em mim".)

Quando há relacionamentos seguros, empáticos, sustentadores, as crianças aprendem a ser íntimas e empáticas e eventualmente a comunicar seus sentimentos, refletir sobre seus próprios desejos e desenvolver seus próprios relacionamentos com seus iguais e com os adultos.⁶

Os relacionamentos também ensinam às crianças quais comportamentos são adequados e quais não são. À medida que o comportamento das crianças se torna mais complexo no segundo ano de vida, elas aprendem pelas expressões faciais, tom de voz, gestos e palavras de suas atendentes que tipos de comportamento levam à aprovação ou à desaprovação. Padrões são construídos através da troca entre crianças e atendentes. Muito importante, juntamente com o comportamento, entretanto, emoções, desejos e auto-imagem também estão tomando forma. O tom emocional e as interações sutis nos relacionamentos são vitais para quem somos e o que aprendemos.

Os relacionamentos capacitam a criança a aprender a pensar. Nessas interações, a criança vai do desejo pela mãe e do agarrar-se a ela para a vocalização de "Mãe" e olhares carinhosos. Ela passa da "atuação", ou comportamento de seus desejos ou anseios, para a imaginação deles em sua mente e sua rotulação com uma palavra. Essa transformação anuncia o início do uso de símbolos para pensar.

O jogo de faz-de-conta ou imaginativo envolvendo dramas humanos emocionais (p.ex., os bonecos se abraçando ou lutando) ajuda a criança a aprender a ligar uma imagem ou quadro a um desejo e, então, usar essa imagem para pensar "Se eu for bonzinho com a mamãe, ela me deixará ficar acordado até mais tarde". Entender os motivos de uma personagem em uma história, bem como a diferença entre 10 e 3 biscoitos, dependerá dessa capacidade.

A capacidade de criar quadros mentais de relacionamentos e, mais tarde, de outras coisas leva a pensamento mais avançado. Por exemplo, um elemento-chave fundamental para futura aprendizagem e manejo é a capacidade de auto-observação da criança. Essa capacidade é fundamental para a automonitoração de atividades tão simples como colorir dentro ou fora das linhas ou comparar figuras com palavras ou números. A auto-observação também ajuda uma pessoa a rotular, em vez de atuar, sentimentos. Ela ajuda a empatia com outros e a satisfação de expectativas. A capacidade de auto-observação vem da capacidade de observar a si mesmo e a outra pessoa em um relacionamento.

Passamos, portanto, a entender que as interações emocionais são a base não apenas da cognição, mas da maioria das capacidades intelectuais de uma criança, incluindo sua criatividade e as habilidades de pensamento abstrato.⁷

Esse reconhecimento do papel das primeiras interações emocionais no funcionamento intelectual não é o mesmo que a importante idéia de Howard Gardner de inteligências separadas, múltiplas, ou que a pesquisa de Antonio Damasio sobre o cérebro que sugere que as emoções são importantes para o julgamento, mas de certa forma separadas das capacidades acadêmicas ou inteligência global. Nós não as vemos como separadas. Jean Piaget, o pioneiro psicólogo cognitivo, considerava a criança como um pensador causal, uma vez que ela pode aprender que puxar um cordão traz o som de uma campainha. Entretanto, essa não é a primeira oportunidade de a criança aprender sobre causalidade. A primeira lição de um bebê na causalidade ocorre muitos meses antes, quando ele aprende que um sorriso traz um sorriso responsivo de alegria ao rosto de seus pais. A criança então generaliza

essa lição emocional para o mundo físico. Fomos capazes de identificar como as interações afetivas ou emocionais conduzem a cada estágio.

As emoções são na verdade os arquitetos, os condutores ou os organizadores internos de nossas mentes. Dizem-nos como e o que pensar, o que e quando dizer e o que fazer. Nós “aprendemos” coisas através de nossas interações emocionais e então aplicamos aquele conhecimento ao mundo cognitivo.

Por exemplo, quando uma criança pequena está aprendendo a cumprimentar alguém, ela não o faz memorizando listas de pessoas apropriadas. A experiência a leva a associar o cumprimento com uma sensação de calor em seu peito, que a leva a entrar em contato com os rostos agradáveis das outras pessoas com um “Oi!” verbalizado. Se olha para elas e tem uma sensação diferente por dentro, talvez cautela, é mais provável que vire a cabeça ou se esconda atrás dos pais. Encorajamos esse tipo de “discriminação” porque não queremos que nossos filhos digam “Oi!” para estranhos. Queremos que eles cumprimentem pessoas amáveis como o avô. Se uma criança aprende a cumprimentar aquelas pessoas dessa forma, ela prontamente dirá “Oi!” para uma professora simpática ou para um novo colega. Ela mantém suas emoções dentro dela, ajudando-a a generalizar situações conhecidas para situações novas, bem como a discriminar ou decidir quando e o que dizer.

Mesmo algo tão puramente acadêmico e cognitivo quanto um conceito de quantidade baseia-se nas primeiras experiências emocionais. “Muito” para uma criança de três anos é mais do que o que ela quer; “pouco” é menos do que o que ela espera. Mais tarde, os números podem sistematizar essa sensação de quantidade. Similarmente, conceitos de tempo e espaço são aprendidos pela experiência emocional de esperar pela mamãe ou de procurar por ela e encontrá-la em uma outra sala.

As palavras também extraem seu significado de interações emocionais. Uma palavra como *justiça* adquire conteúdo e significado com cada nova experiência emocional de justiça e injustiça. Mesmo nosso uso da gramática, que o conhecido lingüista Noam Chomsky e outros acreditam que seja largamente inato e necessite de apenas alguns tipos muito gerais de estimulação social para funcionar, baseia-se em parte em interações emocionais precoces muito específicas. Por exemplo, verificamos que crianças autistas que não usavam a gramática correta e repetiam apenas substantivos, como *porta*, *mesa* e *leite*, podiam aprender formas gramaticais corretas se as ajudássemos primeiro a tornarem-se emocionalmente envolvidas e intencionais. No momento em que elas aprendiam a experimentar e expressar seus desejos ou vontades (p.ex., quando nos empurravam para a porta para que a abrísssemos), começavam a alinhar corretamente substantivos e verbos (“Abra a porta!”). Bebês e crianças pequenas, sem desafios significativos, envolvem-se nessas interações emocionais intencionais rotineiramente; talvez porque elas sejam tão rotineiras que sua importância foi desconsiderada.

Não apenas o pensamento origina-se das primeiras interações emocionais, mas também um senso moral de certo e errado. A capacidade de entender os sentimentos de uma outra pessoa e de se importar com o que ela sente pode surgir apenas da experiência de interações afetuosas. Podemos sentir empatia apenas se alguém empatizou ou preocupou-se conosco. As crianças podem aprender compor-

tamentos altruístas, a fazer “a coisa certa”, mas a verdadeira preocupação com um outro ser humano vem apenas através da experiência daquele sentimento de compaixão em uma relação contínua. Não podemos experimentar emoções que nunca tivemos nem podemos experimentar a consistência e a intimidade do amor contínuo a menos que tenhamos tido aquela experiência com alguém em nossas vidas. Para alguns pode ser uma avó ou uma tia, ou pode ser até mesmo um vizinho, mas precisa acontecer. Não há atalhos.

Um relacionamento contínuo, emocional, afetoso com um bebê e uma criança pequena nos permite o envolvimento em interações nas quais lemos e respondemos aos sinais do bebê. Esse aspecto básico dos relacionamentos sustentadores entre um bebê e uma auxiliar que realmente o conhece durante o longo trajeto é responsável por um número surpreendentemente grande de capacidades mentais vitais. Essas “interações recíprocas” ensinam os bebês a tomar a iniciativa. Conforme salientado anteriormente, eles fazem alguma coisa e isso faz alguma coisa acontecer. Isso é também o início da aprendizagem de pensar intencional ou casualmente. Um senso de *self*, vontade, propósito, agressividade e o início do pensamento lógico causal ocorrem todos através dessas maravilhosas interações recíprocas.

Por volta de dois a três meses, um bebê e um pai terão passado por três níveis de aprendizagem um sobre o outro. No estágio 1, o pai aprende a como ajudar o bebê recém-nascido a manter um estado de alerta (1-3 semanas). No estágio 2 (3-8 semanas), no estado de alerta ele produzirá sorrisos e vocalizações que são respondidos pelo adulto. No estágio 3 (8-16 semanas), esses sinais são reproduzidos em “jogos” (Stern) nos quais vocalizações e/ou sorrisos são reproduzidos em explosões de 4 ou mais, imitados pelo adulto, em uma série de explosões ou “jogos” recíprocos. Ritmo e reciprocidade são aprendidos nesses jogos.

Por volta dos quatro meses, o bebê terá aprendido a ter o controle do jogo e a guiar o pai neles (Margaret Mahler chamava isso de “sair da casca”). Portanto, a autonomia vem à tona com esses jogos.

Alguma outra coisa está ocorrendo. Através dessas interações recíprocas, a criança aprende a controlar ou modular seu comportamento e seus sentimentos. Todos nós queremos filhos que sejam bem-regulados ou bem-modulados, ou seja, que possam ser ativos e exploradores uma parte do tempo; concentrados, ponderados e cautelosos, outras vezes e alegres ainda outras vezes. Queremos filhos que possam regular tanto suas emoções quanto seu comportamento de forma adequada à situação. Nós admiramos adultos que são capazes de fazê-lo.

A diferença entre crianças que podem regular seu humor, suas emoções e seus comportamentos, e crianças que não podem – para as quais a menor frustração parece catastrófica, cuja raiva é enorme e explosiva – está no grau em que a criança domina a capacidade para a troca rápida de emoções e gestos. Quando uma criança é capaz de interações rápidas com seus pais ou um outro atendente importante, ela é capaz de negociar, de certa forma, a maneira como se sente. Se estiver aborrecida, ela pode fazer um olhar, ou som, ou gesto de mão que denota aborrecimento. Seu pai pode vir com um gesto indicando “Eu entendo”, ou “Tudo bem, vou pegar

a comida mais rápido”, ou “Você não pode esperar só mais um minuto?”. Seja qual for a resposta, se ela for responsiva a seu sinal está obtendo algum retorno imediato que pode modular sua própria resposta. Ela tem a sensação de que pode regular suas emoções através da regulação das respostas que obtém de vários ambientes. Nós agora temos um sistema mais sintonizado do que global ou extremo. A criança não precisa ter um ataque para registrar seu aborrecimento; ela pode fazê-lo simplesmente com uma pequena olhada e um pequeno gesto de aborrecimento. Mesmo que sua mãe ou seu pai não concordem com ela ou não possam trazer a comida naquele minuto, eles estão sinalizando alguma coisa de volta que dá à criança alguma coisa sobre a qual meditar enquanto ela decide se muda para uma resposta ainda mais irritada. Mesmo que ela mude para um acesso de raiva real, essa sequência mais prolongada é preferível a ir de 0 a 10 em um segundo. Todos os sentimentos diferentes, de alegria e felicidade à tristeza, à raiva, à agressividade, tornam-se parte dessas interações reguladas sintonizadas, mais em um padrão de nuances sutis do que em um padrão de tudo-ou-nada.

Se a criança não está aprendendo a envolver-se nessa interação sintonizada, ela não espera que suas emoções levem a uma resposta de seu ambiente. As emoções conseqüentemente existem um tanto isoladas e simplesmente se tornam maiores. A criança é compelida a usar respostas mais globais de raiva, ou fúria, ou medo, ou evitação, ou retraimento, ou egocentrismo. Bebês muito jovens são propensos a essas reações mais extremas nos primeiros meses de vida. Quando eles choram, choram muito vigorosamente e alto porque estão frustrados até que os ajudemos a se acalmar. Isso tem certas semelhanças com o que foi descrito como a reação de fuga/luta, que é uma reação mais global do cérebro humano. Mas as crianças não se limitam a reações de fuga-ou-luta. Elas podem ter uma variedade de reações globais: raiva, evitação, retraimento, egocentrismo, medo ou ação impulsiva globais.

Por volta dos dois a dois anos e meio, quando a criança está falando, ela já teria a capacidade de envolver-se em longas cadeias de interação (interações recíprocas) envolvendo suas diferentes emoções, seus sentimentos e comportamentos. Estes são baseados nos primeiros padrões estabelecidos de dois a quatro meses. Crianças sem essa capacidade operam de maneira catastrófica ou extrema, tendo desintegrações ou acessos extremos ou sendo arrebatadas por sua excitação e alegria, ou raiva ou tristeza, ou até depressão. Frequentemente, essas reações extremas são fora de proporção aos acontecimentos do momento. Elas sugerem que algumas partes dos sentimentos, do humor e do comportamento da criança não tiveram uma chance de se tornarem regulados através de interações recíprocas. As famílias têm diferentes capacidades de se envolver em negociações em torno de certos comportamentos e sentimentos. Algumas interagem bem entre si em relação à agressividade e à raiva, mas não tão bem em relação à tristeza ou ao sentimento de perda. Outras são exatamente o contrário.

Os primeiros padrões de comunicação pai/bebê preparam o terreno para os padrões posteriores. À medida que as crianças aprendem a regular seus comportamentos e sentimentos, elas podem então passar para o nível seguinte e resolver

problemas com os sentimentos e realmente tentam mudar o que está acontecendo em seus ambientes. Se alguma coisa parece desagradável, elas podem fazer algo para mudar a situação e o sentimento. Se for um sentimento agradável, podem mudar seus ambientes para conseguir mais daqueles sentimentos. Assim, por volta dos 18-20 meses as crianças já têm bastante experiência para tentar diminuir aquelas condições que as fazem sentir-se tristes ou irritadas e para aumentar aquelas condições que as fazem sentir-se felizes. Então, à medida que progridem, até a idade de dois ou dois anos e meio, podem formar imagens em suas mentes – o que chamamos de símbolos ou idéias – e até mesmo rotular os sentimentos que estão sob boa regulação. Vimos isso no jogo de faz-de-conta de crianças quando elas criam cenas nas quais há raiva, felicidade, ou tristeza. Crianças que são bem-reguladas têm mais detalhes em seus dramas. Há mais sutileza em seus sentimentos. Crianças que são mais extremas em suas reações, ao contrário, têm padrões mais globais em seus jogos de faz-de-conta. Em um nível mais adiantado, elas podem começar a raciocinar sobre seus sentimentos, percebendo por que estão felizes, ou tristes, ou alegres. Isso ocorre entre as idades de três e quatro anos. À medida que crescem, elas podem refletir sobre esses sentimentos e entendê-los no contexto mais amplo dos relacionamentos com seus pares. Elas podem reconhecer a área cinzenta dos sentimentos. À medida que crescem, essa capacidade para pensamento reflexivo sobre sentimentos se torna cada vez mais forte.

Os relacionamentos emocionais interativos, portanto, são importantes para muitas de nossas habilidades essenciais, intelectuais e sociais. Esse tipo de interação também é central quando estamos tentando ajudar crianças com necessidades especiais. Com frequência, criar oportunidades para interações longas, empáticas, sustentadoras em torno dos sentimentos diferentes da criança pode ser fundamental para ajudar uma criança a aprender “regulação” mesmo quando, para começar, essa regulação não está lá.⁸

A noção de que os relacionamentos são essenciais para regular nosso comportamento, nossos humores e nossos sentimentos, bem como para o desenvolvimento intelectual, necessita de maior ênfase, à medida que pensamos sobre os tipos de ambientes e prioridades que desejamos para nossas crianças. As interações necessárias podem ocorrer em grande parte apenas com uma atendente amorosa que tem bastante tempo para dedicar a uma criança. Uma atendente de creche ocupada com quatro bebês, ou seis, ou oito crianças pequenas geralmente não terá tempo para essas longas seqüências de interação. Similarmente, uma mãe, ou pai deprimido, ou uma auxiliar sobrecarregada com cinco crianças, ou pais muito cansados, ao final do dia, podem não ter a energia para esses longos padrões de interação e negociação.

DISCUSSÃO

Primeiros relacionamentos

TBB: Aprendemos, pela primeira vez, a força e a importância dos relacionamentos interativos enquanto usávamos nossa avaliação neonatal.⁹ Quando começamos,

ninguém pensava que devíamos interagir com o bebê. No passado, simplesmente deixávamos o bebê deitado lá e o observávamos. Aquilo nos permitia acreditar que “bebês não vêem nem ouvem” – noções malucas. Assim que começamos a interagir com o bebê, segurando-o para alertá-lo, abraçando-o para acalmá-lo, vimos que se poderia reforçar o bebê para fazer coisas fantásticas. Vimos que “Aqui está uma interação que o bebê armazena”. Então mais adiante vêm a mãe e o pai, cada um tratando o bebê de forma diferente, e ele armazena aquelas diferenças e as reflete de volta, ao redor das 6-8 semanas, com diferentes respostas. Essas respostas emocionais derivam de interações contínuas com atendentes consistentes e são a chave para o desenvolvimento futuro.

SIG: Podemos agora provar que é esse primeiro diálogo recíproco com sinais emocionais, e não qualquer estimulação cognitiva como cartas cintilantes, que leva ao crescimento da mente e do cérebro e às capacidades de raciocinar e pensar. O desenvolvimento emocional, bem como intelectual, dependem de relacionamentos ricos, profundos, sustentadores no início da vida e, agora, a pesquisa contínua da neurociência está confirmando esse processo.¹⁰

TBB: A preparação para isso começa antes do nascimento. Estudamos fetos de sete meses, usando ultra-som para visualizar seus comportamentos. Quando uma campainha moderadamente alta foi colocada a 45 centímetros do abdômen da mãe, o feto assustou-se com um grande sobressalto. A cada toque subsequente, o sobressalto diminuía. Pelo quarto ou quinto estímulo, o feto parou de se mover e levou a mão à boca, como para confortar-se. Essa diminuição da resposta é chamada de habituação a um estímulo invasivo, perturbador. Então, usamos um chocalho suave próximo ao abdômen da mãe. O feto alertou-se e tirou a mão da boca para voltar-se na direção do chocalho. Fomos capazes de repetir essa evidência da escolha pelo estímulo suave na área visual. Observamos o hábito a uma luz estranha na sala de operações após quatro ou cinco vezes. Uma luz apontada sobre o abdômen da mãe o alertou e o fez virar a cabeça naquela direção. Acharmos que essa evidência de audição e visão no feto estava associada com a capacidade de barrar estímulos perturbadores e de alertar para um estímulo atraente.

Gostaria de ver essa evidência intra-uterina de respostas complexas utilizadas para diferenciar fetos os estressados dos não-estressados. Se o feto estivesse estressado, as respostas poderiam ser mais automáticas e menos disponíveis à modulação e à escolha. Se o feto pudesse demonstrar tal comportamento, ele poderia ser usado como evidência de que aprendizagem e modelagem importantes estavam ocorrendo no útero. Se houvesse razões reais para estresse, como subnutrição ou exposição a toxinas como álcool ou drogas, a conclusão óbvia poderia ser que essa aprendizagem seria prejudicada.

SIG: Ontem, eu estava atendendo um bebê de dois meses e o observei flertando com seu pai com um pequeno sorriso, fazendo seu pai iluminar-se e sorrir de volta. Também estudamos bebês que, devido a padrões familiares ou problemas biológicos, não são capazes de sinalizar facilmente com suas emoções. Frequentemente, entretanto, eles podem aprender. Você demonstrou esses sinais

mútuos precoces em seus filmes e vídeos. O que precisamos enfatizar é como isso ocorre nos primeiros meses de vida, muito antes dos oito meses, quando um bebê adquire habilidades motoras. Então você pode puxar um brinquedo, mas pode sinalizar prazer e tristeza mais cedo. O sistema de afeto se desenvolve mais cedo do que o controle motor. Em cada estágio do desenvolvimento cognitivo há um estágio anterior na esfera afetiva que antecede as interações com o mundo físico. Esse sistema emocional é a primeira forma de um bebê conhecer o mundo e dá início aos marcos cognitivos.

Aqui também começa um senso de *self*. Você não pode ter um senso de *self* sem uma fronteira entre suas emoções e as emoções que vêm de fora. Isso é estritamente dependente de relações interpessoais. Você não pode ter um teste de realidade sem um senso de *self*. Este também começa no primeiro ano, mas então um bebê o representa no segundo e terceiro ano simbolicamente usando palavras que têm significado afetivo: “Me dê aquilo” e “Não, você não pode ter aquilo”. Cada intercâmbio como esse tem um “eu” e um “você” e cria uma ligação simbólica.

TBB: Eu acho que mesmo a intencionalidade começa no útero. Os recém-nascidos são intencionais. Anos atrás observamos os quatro estágios da reciprocidade afetiva nos primeiros quatro meses.¹¹ O primeiro estágio é quando a mãe ensina o bebê a ficar calmo e alcançar o equilíbrio interior, a fim de prestar atenção a sinais externos. Então ela o ensina a prolongar sua atenção e a esperar os sinais dos pais. Em seguida, a troca de sorrisos e vocalizações e, então, o começo da reciprocidade, que corresponde aos sorrisos e às vocalizações do bebê em tempo, ritmo e qualidade. O bebê sente-se correspondido e igualado. O quarto é quando o bebê se movimenta para o que Margaret Mahler chamou de “sair da casca”, afastando-se da mãe e controlando a situação ele mesmo. Isso lhe dá o sentimento de que está no controle – um senso de auto-estima. Dentro disso, eu acho que você está vendo os primeiros estágios de consciência cognitiva. Além disso, quando o bebê reconhece os cheiros, as vozes e as faces da mãe e do pai, você seria capaz de dizer por qualquer parte do corpo e pela taxa cardíaca se o bebê está interagindo com a mãe ou com o pai. Ele sabe o que esperar de cada pai e que é diferente. Agora, isso não está baseado em uma expectativa, em uma consciência cognitiva e emocional ao mesmo tempo? Tentar separá-los agora é impossível. Com 6 a 8 semanas, essa consciência das diferenças em cada pessoa importante é o primeiro sinal confiável de desenvolvimento cognitivo.

SIG: Acho que podemos dizer alguma coisa ainda mais forte: a emoção não é simplesmente parte da cognição; tanto quanto podemos ver, ela a precede. Cedo o bebê tem muito mais controle sobre seu sistema emocional. De acordo com todas as teorias cognitivas atuais, o bebê tem de usar seu sistema motor em algum grau para explorar o mundo. Mas o sistema emocional da criança provavelmente amadurece muito mais cedo, e o bebê pode fazer coisas muito mais complicadas com as emoções. Em um sorriso, há um componente motor, certamente, mas é a emoção que induz o sorriso (os músculos faciais). A capacidade de manipular o mundo, usando seus movimentos motores grosseiros em oposição a seus mo-

vimentos motores faciais, vem um pouco mais tarde. Mesmo um bebê com baixo tônus muscular pode demonstrar afeto com um piscar de olhos ou talvez no movimento de sua língua. Devemos nos sintonizar nisso. Emoções, capacidade motora e capacidade cognitiva são, naturalmente, parte de um grande todo. Mas em vez da forma tradicional de olhar o desenvolvimento da inteligência através da manipulação e da exploração do mundo, podemos dizer que a criança primeiro usa a expressão da emoção como uma forma de entender o mundo. É através desses primeiros intercâmbios afetivos que seu senso de causalidade é estabelecido. Mais tarde, através do jogo de faz-de-conta e de interações com palavras afetivamente significativas (em oposição a lê-las em um livro), a criança alcança um senso de testagem da realidade, e se torna lógica, e aprende a raciocinar.

As horas de vigília de um bebê

TBB: De volta a esses primeiros relacionamentos: os pais perguntam de quanto tempo com os pais os bebês necessitam.

SIG: Em uma conferência em Wisconsin de terapeutas de fala e ocupacionais, psiquiatras, psicólogos, etc., perguntei à platéia se eles podiam responder àquela pergunta que o presidente fez em uma conferência na Casa Branca: "Quanto tempo, então?". O consenso foi de que aproximadamente metade do tempo de vigília do bebê deveria ser claramente muito interativo, brincando com ele e não apenas alimentando-o ou abraçando-o. Eu iria mais longe. A maior parte das horas de vigília do bebê deveriam ser passadas ou em interações face a face diretas com as atendedoras, ou com elas estando à vista e facilitando-lhe a exploração do mundo. Enquanto acordado, o bebê não deveria estar fora do alcance de vista delas.

TBB: Essa é uma questão que precisa ser explorada em muitos níveis diferentes. Quando eu estava no Camboja, havia 24 a 26 bebês em certos berçários com apenas uma ou duas adolescentes sobreviventes para cuidar deles. Havia de dois a quatro bebês que ficavam alertas se eu parasse na porta e dissesse: "Oi, como vão vocês?" ou atravessasse a sala para falar com eles. Os outros 20 ou 22 não demonstravam qualquer resposta. Se eu entrasse e tentasse brincar com eles, olhavam assustados e se viravam. Aqueles quatro, entretanto, interagiam. Então alguém me perguntaria, "Oh, eles são os únicos que a auxiliar carrega no colo?". Eu não sei quanto tempo ela passava interagindo com aqueles bebês, mas ela estava lá para eles. Talvez a questão não seja quanto tempo, mas simplesmente estar lá para as crianças.

SIG: Eu concordo. O desafio é que, na sociedade ocupada de hoje, podemos não estar tendo contato íntimo suficiente com nossos bebês.

TBB: Mas o creme na sobremesa de um bebê é quando o pai responde a ele na sua própria maneira. Quando ele diz, "Gugu," a criança responde, "Gugu". Quando sorri, o bebê sorri. Mas se dissermos "metade das horas de vigília de um bebê", eu acho que vamos apavorar os pais. Sessões de 15 minutos, que significariam

16 episódios de 15 minutos cada, seriam o bastante. Mas acharíamos difícil responder menos que isso, ou não? Talvez necessitemos enfatizar que há muitos tipos de proximidade e intimidade. Apenas estar lá é muito importante. Nos planaltos do México, onde fiz uma pesquisa, as mães raramente interagem com um bebê face a face, quando interagem. Mas elas carregam o bebê em uma espécie de poncho durante todo o dia. Elas o amamentam até 70-90 vezes por dia. Isso é estar "lá" para ele!

SIG: Esse tempo juntos certamente pode ser passado de diversas maneiras diferentes. Uma maneira é a criança e o pai fazendo brincadeiras diretas face a face ou interativas, ou se abraçando, ou balançando juntos. Uma segunda maneira é ajudando a criança a explorar, estando disponível: "Oh, olhe isto!". Embora o pai esteja disponível às vezes, a criança pode brincar sozinha e outras vezes ele a auxilia. A terceira é a criança brincar sozinha enquanto o pai está à vista no telefone, lendo o jornal, ou cozinhando. Quanto queremos de cada situação? Pode ser diferente para cada bebê. Bebês que são mais "descansados" ou motoramente ativos e independentes freqüentemente necessitam mais do tempo direto, sustentador e face a face.

TBB: Os bebês são tão diferentes como indivíduos adultos; eles têm temperamentos diferentes. Meu primeiro livro, *Infants and Mothers*,¹² foi escrito sobre três bebês diferentes: (1) Um calmo, sensível; (2) Um bebê médio, moderado; e (3) Um bebê muito ativo, quase insensível. Cada um deles tinha necessidades muito diferentes, e cada um criava um ambiente diferente afetando seus pais de forma diferente. Eu estava bastante certo de que quando um pai pode estar sintonizado com o temperamento individual de seu bebê, quando há um "ajustamento de boa qualidade" (à la Winnicott),¹³ o pai sente e até lê a necessidade individualizada do bebê, para que tipo de "estar lá" é indicado e o quanto é suficiente para incentivar o senso de auto-estima e a motivação para aprender daquele bebê. "Estar lá" não é uma exigência rígida; ela é engrenada com sensibilidade para cada bebê.

SIG: Quando converso com pais que não estão estressados e que têm tempo (eles não estão sobrecarregados de trabalho), e que um dos pais fica em casa, ou ambos compartilham trabalho e vida doméstica, a sensação que tenho com a maioria das crianças e famílias que estão indo bem é que a maior parte do tempo é dividido entre o jogo recíproco, interação direta face a face e segurar no colo e abraçar, e o jogo facilitado, bem como o estar "à vista" (falando ao telefone, cozinhando, etc.) e disponível.

TBB: Se os pais tentarem usar isso como um padrão de comparação, eles ficarão nervosos e fugirão? Seria fascinante fazer um estudo de tempo e ver o que realmente está acontecendo. Na década de 1960, William Caudill estudou as experiências de 24 horas de crianças no Japão. Beatrice e John Whiting coletaram dados como aqueles por algum tempo na África, assim como fizeram HanUs e Mechtilde Papousek. Em 1900, nos Estados Unidos, Millicent Shinn estudou sua sobrinha durante todo o dia. Esses estudos levaram a conclusões sobre a forma como as crianças estavam sendo criadas em várias culturas. Esses são

estudos de tempo conhecidos nos quais pressupostos importantes sobre a qualidade da parentagem estão baseados. Todos eles demonstraram, contudo, quanto pouco tempo face a face real havia. Talvez não fosse tão necessário quanto simplesmente estar "lá", à vista. O bebê sabe, por indícios visuais e auditivos, que o pai está disponível.

SIG: Dolores Norton, de Chicago, fez um estudo usando uma câmera de vídeo que ficava ligada 24 horas por dia.¹⁴ Entre os pontos salientados por ela está que não havia muitas seqüências longas de interação. Havia poucos repentinos curtos, mas nem perto do que estávamos falando aqui. O Instituto Nacional de Saúde e Desenvolvimento da Criança está analisando a qualidade do cuidado em casa e em creches e está verificando que é a sensibilidade e a qualidade das interações emocionais entre bebês e pais ou atendentes que é importante para as capacidades de linguagem, cognitivas e emocionais.

TBB: A maioria das outras culturas não colocam seus filhos no chão para brincar sozinhos tanto quanto nós fazemos. Eles carregam as crianças junto todo o tempo enquanto se dedicam a seus afazeres. Na Coreia, carregam os bebês nas costas, não interagindo muito com eles naquela posição, mas o objetivo deles talvez seja diferente. Em vez de tornarem os filhos indivíduos independentes, preferem cidadãos estáveis, tranquilos, felizes, que tenham consciência dos outros à sua volta.

SIG: Aqui, esperamos alguma autonomia bastante cedo. Um bebê saudável de oito meses que está aprendendo a engatinhar em uma família responsável começará a iniciar uma quantidade de interações. Isso leva a ainda mais interação. Ele obterá uma quantidade de interações recíprocas porque ele as iniciou – com outros irmãos na família, parentes, ou seja com quem for. Quando falamos de interações recíprocas, não estamos falando apenas sobre o cuidado que a mãe oferece. Estamos falando sobre o pai, os irmãos, as babás e os outros membros da família.

Interações emocionais

São aquelas experiências emocionalmente vibrantes que armam o cenário. O bebê tem de querer alguma coisa. Mobilizar essa intenção e urdi-la dentro de uma interação oferece uma experiência emocional/cognitiva combinada. Cada experiência, por definição, tem em si algum afeto e cognição, mas, em termos de valência, aquelas que são emocionalmente muito significativas para a criança são as que apreendem seus desejos e promovem sua inteligência.

TBB: Os recém-nascidos, e eu tenho isso filmado, têm um conjunto diferente de expressões faciais para uma face humana *versus* um objeto logo após o nascimento. Observadores que olham apenas a face do bebê podem dizer se ele está ou não olhando para uma pessoa ou para um objeto. Isso é estabelecido no nascimento, e pais recentes são sensíveis a essa diferença tão sutil mesmo quando não estão conscientes dela.

SIG: Esse é um exemplo perfeito de como um bebê começa a classificar a experiência com base no significado afetivo. Mas se ele não gosta da face humana ou se a

face não lhe traz nenhum prazer ou excitação, é improvável que ele forme aquela diferenciação.

TBB: Tiffany Field fez alguns estudos que demonstram como o sorriso é aumentado pelo sorriso retribuído ao bebê e como as vocalizações são aumentadas pela vocalização retribuída ao bebê.¹⁵ Em outras palavras, se você produziu o que o bebê estava produzindo, aumentou significativamente as chances de uma resposta. O bebê parece iluminar-se: "Ei, ele está imitando o que eu acabei de fazer". Fizemos estudos observando isso de outra direção: se o bebê sorria, qual era a chance de que a mãe sorrisse de volta. Isso ocorreu em torno de 80% do tempo, contra retribuir um toque, ou retribuir uma vocalização, ou fazer alguma outra coisa. A chance de uma mãe ou pai sensível imitar o que o bebê fez é enormemente alta.

SIG: Sim, esses são os ingredientes-chave de todo o jogo recíproco sobre o qual estivemos falando. Um bom argumento teórico adicional para a importância da interação emocional para o desenvolvimento cognitivo e social é que, quando há afeto envolvido, ele parece ativar muitas partes diferentes do cérebro, integrando o lado esquerdo e o direito bem como diferentes componentes. Todo o sistema afetivo está envolvido e se ramifica para todas as partes do córtex. Há conexões para os sistemas visual, auditivo, espacial e assim por diante. Assim as experiências emocionais podem estar criando muito mais síntese. Aposto que se pudéssemos obter registros de TEP (tomografia de emissão de pósitron) enquanto os bebês estivessem brincando, quando eles estivessem emocionalmente investidos e envolvidos, veríamos muitas áreas brilhando.

TBB: Lembra aquele diagrama que eu tenho usado para demonstrar a estimulação do sistema nervoso central – os dois círculos, o sistema de *feedback* externo e o interno? (Ver Figura 1.) Parece-me que quando você reproduz o que o bebê acabou de fazer, está estimulando o sistema de *feedback* interno bem como o externo. Está dizendo para ele, "Isso é ótimo! Você fez isso!" Acredito que o mesmo ocorreria com o objeto e a face humana, com o objeto estimulando apenas um sistema, mas não toda a massa de sistemas que você mencionou. Não há reconhecimento do que o bebê acabou de fazer. O passo seguinte, após reforçar as produções do bebê, é esperar até que ele se expresse e faça uma exigência. Estou novamente pensando sobre a idéia do "sair da casca" e como isso se torna um estímulo muito valorizado para o desenvolvimento do ego do bebê, se a mãe respeitar qualquer iniciativa que ele tome. Se ela não respeita as exigências dele e reprime sua tentativa de "sair da casca" e tornar-se separado, aquele tipo de crescimento poderia ser coibido. Agora precisamos ver o quanto é perdido nos casos em que as produções do bebê não são valorizadas e retribuídas.

SIG: Quando você lê o sinal do bebê e é sensível, isso se torna uma interação verdadeiramente recíproca, incorporando a iniciativa do bebê. Os primeiros jogos que fazemos são geralmente para entreter-lo, fazendo faces engraçadas ou fazendo com que ele nos olhe. Mas à medida que o bebê prospera no primeiro ano e o sistema motor se torna organizado, se gradualmente passarmos a deixá-lo tomar a iniciativa, podemos conseguir alguma interação contínua. Quando agi-



Figura 1 Três fontes de energia para o desenvolvimento.

mos assim, estamos respeitando a sua singularidade e individualidade de forma sutil, não apenas por deixá-lo engatinhar pela casa em vez de correr atrás dele e pegá-lo em nosso colo, mas por desafiarmos sua iniciativa e mantermos muitos círculos de comunicação ativados.

TBB: Eu acho que isso começa já aos dois meses, quando a mãe espera que o bebê faça alguma coisa, então faz a mesma coisa de volta. A estrutura já está lá. Ela pode não ser tão declarada. Esperar e então reproduzir pode reforçá-la.

SIG: Sim, isso começa muito cedo. Quanto mais você respeita a iniciativa do bebê e responde às suas manifestações, especialmente àquelas primeiras expressões emocionais – o pequeno sorriso ou olhar – mais cedo o processo começa. Isso ocorre quando você está formando o relacionamento. Individuação, diferenciação (i.e., o ritmo para diante e para trás) e relação ocorrem como parte do mesmo processo. Os bebês aprendem a amar enquanto estão sendo respeitados como únicos.

TBB: Nesse primeiro estágio, o pai também está respeitando o sistema homeostático. O bebê chega até um pico de excitação e então lhe é permitido voltar para baixo. Brincar com um bebê significa respeitar seu sistema fisiológico, bem como o sistema motor, o afetivo e os sistemas cognitivos.

SIG: Em outras palavras, esse relacionamento mais precoce precisa ser um relacionamento que tenha um grau elevado de sincronia entre os sistemas do bebê e os da atendente – a mãe, o papai, ou outra pessoa.

TBB: O que estamos dizendo ao definir essa necessidade mínima é que o relacionamento entre o bebê e suas atendentes é um sistema unificado. Isso é o que

tentamos demonstrar com nosso programa de TV, "O que todo bebê sabe". Eu estava realmente tentando ensinar as pessoas a prestar atenção ao comportamento de seu filho e a respeitá-lo como tal. Se pudermos instigar os pais a prestar atenção a esse comportamento, a respeitá-lo e a responder adequadamente a ele, teremos atingido nosso objetivo de intensificar o desenvolvimento cerebral precoce.

SIG: Uma mensagem ainda mais profunda que você está transmitindo é que o relacionamento emocional de um pai com um bebê, no qual aquela linguagem está incorporada, é o primeiro passo no desenvolvimento. Essa é a base e a peça fundamental. Ler os sinais do bebê e construir um relacionamento requer muita sincronia afetiva. Tem de sentir grande alegria e prazer com seu bebê. Tem de se sentir parte do bebê e, contudo, interagir com ele de uma forma recíproca. Respeitar a iniciativa e diferenças de um bebê é uma tarefa psicológica difícil. Não pode realizá-la correndo de um lado para outro. Não pode realizá-la se não tiver investido nele. A qualidade da empatia e a sincronia não serão as mesmas.

TBB: Isso me leva a uma outra questão: o trauma é pior do que afastamento ou falta de afeto? Se existir uma base de confiança, parece que a criança pode superar um trauma, se ele não for muito grande. Sempre me intrigou o fato de que existindo um relacionamento precoce firme, uma expectativa de resposta, a criança não desistirá. Vemos isso em nossos estudos da face-imóvel,¹⁶ nos quais a mãe pára de responder ao bebê temporariamente. Ele continua tentando encontrar formas de trazer a mãe de volta porque ele tem essa expectativa de que ela voltará e de que ele pode trazê-la de volta. Se a mãe estiver muito deprimida para responder, e o bebê nunca conseguiu realmente interagir com ela muito frequentemente, ele desiste após três tentativas em vez de, digamos, 15. Isso pode ser crítico. Na realidade, é a base segura, fundamental que um pai está estabelecendo. Uma vez estabelecida, o bebê pode tornar-se mais resiliente e empreendedor.

SIG: A pior coisa para um bebê é não ter uma pessoa amorosa em sua vida ou estar em dúvida sobre essa pessoa. Se um bebê é esquecido inteiramente, por exemplo, em um ambiente institucional, ou se a auxiliar é ambivalente ou inconsistente, a necessidade que estamos definindo aqui não é satisfeita. A pior situação é não ter absolutamente nenhum relacionamento ou estar inseguro. As crianças preferem apegar-se a um pai abusivo do que serem mudadas para uma situação desconhecida. O maior medo de uma criança é a perda de um relacionamento primário. Quando falamos sobre esse relacionamento sustentador, positivo, não estamos nos referindo a um paraíso sem sofrimento, raiva, aborrecimentos, desafios. A partir de poucos meses, podemos ver todas aquelas emoções em um bebê. Um pai que considera aquilo como parte do relacionamento, que tem uma noção realística de relacionamentos, pode ser mais educador. Quando a atendente desiste e se afasta porque o bebê está irritado, o bebê experimenta o senso de que raiva resulta em perda, afastamento. Se os pais conseguem permanecer sustentadores e tentam acalmá-lo, reconhecendo a mudança em seus tons de voz ("Oh, você está furioso com a mamãe. Eu vou ver se eu posso melhorar

isso um pouquinho”), ele recebe a mensagem de que uma quantidade de emoções diferentes fazem parte do relacionamento. Há prazer e confiança, mas há também raiva, aborrecimento, frustração, desafio, negativismo. Ele aprende que pode ficar aborrecido ou ser desafiador, e o pai ainda estará lá.

TBB: Meu colega, Joshua Sparrow, tinha uma expressão para isso. Ele chama de “testar a tolerância para o afeto negativo”. Acho interessante que um bebê teste aquela tolerância durante todo o segundo ano de vida.

SIG: O bebê precisa sentir-se confiante de que pode afastar-se ou sentir-se mal, que a mamãe ou o papai ainda estarão lá. Se ele puder contar com isso, poderá experimentar separação, raiva, desafio e excitação.

TBB: A síndrome da “criança vulnerável” é exatamente o oposto disso. A mãe nunca deixa a criança ficar no controle ou não o deixa fora de sua visão. Superprotegendo o bebê, a mãe retira seu próprio *feedback* interno. Ele se torna muito dependente dela para sinais e para controle. Ele nunca aprende a confiar em si mesmo.

SIG: Quando uma atendente anda no seu próprio ritmo, não acompanhando o ritmo do bebê, esse é um tipo de relacionamento, mas não é um relacionamento equilibrado, em que ela realmente busca a empatia com a criança.

TBB: Um pai precisa ouvir isso. Ele precisa saber que o bebê pode lidar com o lado negativo e que ele, também, pode fazê-lo. Cria-se um equilíbrio de expectativa e confiança mútuas no qual cada membro da díade valoriza o outro.

SIG: Então o relacionamento cedo se torna uma experiência integrada. Em psicanálise falamos sobre cisão do ego e dos estados afetivos polarizados. Costumo ver isso no segundo ano, quando as auxiliares são incapazes de acalmar bebês em estados de irritação. O bebê mantém raiva e amor separados. Quando a sustentação ocorre mesmo durante a raiva e outras emoções fortes, o bebê começa a aprender que essas diferentes emoções, como amor e ódio, podem estar ligadas umas às outras.

TBB: Em nosso treinamento Touchpoints,¹⁷ sempre saliento que fatalmente haverá um sentimento de agressão negativa no bebê e um sentimento de agressão negativa no pai. Toda paixão é positiva e negativa, não apenas positiva. Sem o negativo, não é paixão. Acho que isso precisa ser salientado.

SIG: Essas emoções negativas precisam ser diferenciadas de experiência traumática. Há pesquisas sobre trauma, mostrando as reações fisiológicas e emocionais de crianças que estão altamente estressadas. Esse tipo de estresse extremo é visto em bebês que não têm a prazerosa base de segurança. Quando uma experiência é esmagadoramente aterrorizante, como uma criança que sofreu abuso sexual ou físico, você tem o sistema de estresse tomando conta de tudo. Bebês que sofrem abuso podem tornar-se vigilantes e hipermedrosos. Esses padrões fisiológicos não são necessariamente irreversíveis. Se você mais uma vez oferece sustentação e afeto e expõe o bebê à segurança e ao conforto, embora leve muito tempo, o bebê frequentemente integrará aquelas experiências negativas como parte de relacionamentos e terminará bastante bem (se o estresse não durou muito tempo ou se não prejudicou o desenvolvimento motor, a cognição, ou diversas fases do desenvolvimento). Mas um relacionamento contínuo, afetivo e íntimo precisa existir em primeiro lugar; ele é o instrumento que se pode usar para ajudar

um bebê a se recuperar do estresse. Naturalmente, onde o estresse foi crônico, o processo de recuperação pode levar anos.

Divórcio e custódia

TBB: Como podemos manter esse forte relacionamento primário em uma situação de divórcio? E quanto à custódia conjunta e direitos de visita? Sou questionado sobre a custódia conjunta o tempo todo. Precisamos pensar mais também sobre direitos de visita, direitos de pernoite. Com que idade você deixaria um bebê dormir fora de casa?

SIG: Se os pais divorciados moram próximo um do outro e ambos são bons pais, recomendo que mantenham o relacionamento com a criança o mais semelhante que puderem a quando estavam casados. A situação ideal é que ambos os pais vejam a criança todos os dias. Isso levaria à segurança e ao conforto com ambos os pais. Se ambos os pais passam bastante tempo com o bebê e podem ajudá-lo a sentir-se seguro (i.e., ele deixará qualquer um confortá-lo quando estiver aborrecido), então ele pode dormir fora de casa desde cedo.

Contudo, é mais típico que o bebê fique com a mãe a maior parte do tempo e passe apenas pouco tempo com o pai ou vice-versa. Então eu não aconselharia que o bebê dormisse fora de casa antes dos três anos de idade. Mesmo assim, dependeria da circunstância dele e se ele está ou não pronto ou se sente confortável em relação à situação. Embora você sempre tenha de levar as circunstâncias individuais em consideração, geralmente o cuidador principal ou primário deveria deixar o outro pai aparecer com mais frequência e brincar com o bebê. Quanto mais o outro cuidador brincar com o bebê, e confortá-lo, e alimentá-lo, e for uma pessoa “segura”, mais rapidamente a questão do dormir fora se tornará uma possibilidade real. Se o outro cuidador estiver vendo o bebê, digamos, quatro vezes por semana, pode ser uma transição natural.

Fui chamado a uma situação com uma criança de quatro anos na qual o pai queria levá-la por duas semanas durante as férias de verão. Sugerí que ele levasse a mãe junto e tivessem umas férias familiares prolongadas, mas que ele não deveria simplesmente afastar a criança de sua mãe por tanto tempo. O máximo que a criança já ficara longe da mãe tinha sido por três dias. É muita coisa passar de três dias para duas semanas. Eles podiam avançar gradualmente, mas não de uma só vez. Nós elaboramos um compromisso.

TBB: Três anos de idade me parece a época de começar a tentar essa experiência de dormir fora de casa. Se a criança é independente à noite e é capaz de dormir sozinha, esses também seriam sinais de que ela está pronta. Mas tudo deve ser organizado de acordo com o temperamento da criança e de sua resposta à separação do pai com quem ela vive.

SIG: Você diria aos juizes que para uma criança de dois anos ou uma de 18 meses, que não vê muito seu pai, se o pai quer que ela fique com ele todo o fim de semana, a resposta seria absolutamente não?

TBB: Com toda probabilidade.

SIG: Levar o bebê por uma semana ou mais no verão também seria absolutamente não? Contudo, vemos caso após caso em que a separação do cuidador principal é ordenada pelo tribunal. Em um caso, na minha experiência, a criança levou dois meses para se recuperar e sentir-se segura com sua mãe após uma visita excessivamente longa ao pai antes de ela estar pronta. Muitos dias de visita são uma ótima forma de estabelecer segurança com o outro pai.

TBB: Em termos de custódia conjunta, precisamos de melhores diretrizes.¹⁸ A questão principal na custódia conjunta é se os pais podem lidar com sua raiva e sentimentos de competição de uma forma que deixe a criança de fora. O melhor prognosticador para os futuros filhos do divórcio é se eles são poupados dos sentimentos antagônicos dos pais. Pois um filho de pais divorciados sempre acha que foi sua culpa, que se ele tivesse sido um filho melhor seus pais não teriam se separado e dividido a família. O outro medo é o de abandono: "Se um dos pais vai me deixar, talvez o outro me deixe também". As visitas pelo pai que não tem a custódia devem ser previsíveis e confiáveis e não devem quebrar as rotinas da criança. A rotina se torna uma fonte confiável de segurança para ela.

Dormir fora e separações precisam ser consideradas seriamente como ameaças potenciais à criança. Contudo, o pai que não tem a custódia precisa estar disponível para a criança. Muita coisa deve ser pesada em cada decisão: o estágio de desenvolvimento da criança, seu ajustamento ao divórcio, a confiabilidade de cada um dos pais em manter promessas à criança. A visitação regular do pai que não tem a custódia é ideal, contanto que não quebre as rotinas da família. O bem-estar da criança deve vir em primeiro lugar. Atualmente, os juízes dos tribunais de família têm reconhecido as questões do pai que não vive com a criança, mas ainda não o ajustamento da criança, como preeminentes. [Ver as diretrizes do tribunal de família ao final deste capítulo.]

SIG: Uma situação que inúmeros pais têm implementado é a criança permanecer em casa e os pais se revezarem com ela lá. Os pais que fazem isso acreditam que as crianças devem ter a segurança de seus próprios quartos e de uma casa e que eles, os pais, é que deveriam ir e vir. Se as famílias tiverem condições econômicas e puderem permitir-se manter a casa original e terem apartamentos para cada um dos pais nesse arranjo, cada um deles passaria metade da semana na casa e metade da semana no apartamento. Obviamente, isso é complicado, e as questões de logística têm de ser elaboradas.

TBB: Se dermos aos pais o que procurar e algumas orientações básicas para quando mudarem de uma casa para outra, ou quando dormir fora de casa é muito cedo que interferiria no seu desenvolvimento, etc., eles poderão tomar suas próprias decisões.

SIG: Como dissemos, ainda há o problema da separação das crianças do pai que tem a guarda primária, por uma ou duas semanas, no verão, ou fins de semana longos antes de elas estarem prontas. Uma criança de três ou quatro anos geralmente não estará pronta para umas férias de verão de duas semanas longe do pai que tem a guarda primária. Por volta dos cinco, seis ou sete anos, as crianças

estão prontas. Se a separação é feita gradualmente e o pai que não tem guarda primária aparece diariamente, a transição acontecerá mais rapidamente.

O segundo princípio que examino em um divórcio é o fácil acesso a ambos os pais. É melhor que os pais morem próximos um do outro, quer eles compartilhem a mesma casa ou não, de modo que, quando as crianças chegarem à idade escolar, elas possam ir de bicicleta ou caminhando para casa de um ou do outro. Eles podem ir para a mesma escola, não importa em que casa eles morem, e podem ter amigos nas duas vizinhanças. Isso coloca as crianças um pouco mais no controle do acesso à mamãe e ao papai. É sempre melhor quando a criança pode tomar a iniciativa de buscar intimidade. Isso tem funcionado muito bem para algumas crianças. Mas é preciso que os pais sejam muito maduros para colocarem seus filhos em primeiro lugar.

Eu digo aos pais que são divorciados que o que aconteceu, aconteceu, mas que agora, por causa dos filhos, eles têm uma relação para o resto da vida. Eles são parentes e fazem parte da mesma família, quer gostem ou não. É uma questão de se eles vão se dar bem e serem civilizados ou não, em nome das crianças, ou se vão prejudicá-las. Eles não podem deixar de se relacionar. Os filhos precisam dos dois pais. Alguns pais necessitam de terapia contínua. Outros são capazes de elaborar isso por conta própria.

TBB: Em primeiro lugar, ainda estamos pressupondo uma guarda primária muito sustentadora, alguém que assume total responsabilidade pela criança.

SIG: Idealmente deveria haver dois cuidadores principais desde o início. Mas isso não é amplamente praticado hoje. O objetivo de usar a mão esquerda e a direita juntas – ter dois cuidadores principais – não é algo que a maioria dos pais que estão juntos pensam. O que acaba acontecendo é um cuidador principal e um secundário. Quando há dois cuidadores principais, todas as decisões são tomadas mais facilmente, mas isso tem de começar cedo. Na maioria das situações esse não é o caso. Como os tribunais podem avaliar a situação?

TBB: Os tribunais estão sobrecarregados. Eles não têm tempo suficiente. Não têm nenhum antecedente para avaliar a situação com os pais e a criança. Se tivessem toda a informação pronta, talvez, com o tempo que eles têm para cada criança, pudessem tomar uma decisão mais informada.

SIG: Mas a política agora baseia-se no entendimento falho das crianças, por exemplo, a noção de que crianças de dois anos podem ser facilmente separadas de um pai sustentador.

TBB: Ao mesmo tempo, há uma necessidade de reconhecer os pais. Isso tem acontecido em alguma medida. Até agora, sempre têm sido as mães, e a mãe ganhava tudo. Ela ganhava a custódia; a custódia compartilhada era rara. Mais recentemente, os tribunais perceberam que deveriam tentar incluir os pais, por razões financeiras e outras. Assim eles começaram a fazer grandes esforços para manter os pais envolvidos. Isso levou à custódia compartilhada, mas também a algumas decisões malucas. Os pais de uma criança de sete meses chamaram-me, dizendo que um juiz tinha ordenado que o bebê deveria passar metade da semana com

cada um. Um deles vivia em São Francisco, e o outro, em Chicago. Eles vieram para consulta em nossa unidade por alguns dias. Finalmente conseguiram chegar a uma decisão melhor e assumiram um papel ativo, uma vez que alguém tinha tido tempo para explicar a eles as necessidades da criança.

A outra coisa que está interferindo, no momento, nas boas decisões é a ênfase excessiva na solidariedade familiar – tentar manter as famílias unidas. Tentar manter as famílias unidas a qualquer preço pode ser muito destrutivo. Acho que o que precisamos é lutar por uma exploração completa do desenvolvimento e necessidades da criança e das capacidades de cada um dos pais. A partir disso, os tribunais poderiam ajudá-los a trabalhar juntos no melhor interesse de seus filhos.

Creche

SIG: Se os pais têm opções e são capazes de fornecer um cuidado de alta qualidade eles próprios, acho melhor não colocar os bebês ou crianças pequenas (nos primeiros dois anos) em creches de tempo integral, 30-40 ou mais horas por semana. A pesquisa atual e minhas próprias observações clínicas sugerem que a maioria das creches não fornece um cuidado de alta qualidade. A qualidade da interação entre atendentes e bebês é menos que a ideal. Além disso, as proporções atuais de quatro bebês por atendente no primeiro ano e seis no segundo ano, juntamente com a alta rotatividade de pessoal, salários mínimos, treinamento insuficiente e a mudança prevista de auxiliares a cada ano, tornam difícil fornecer um cuidado de alta qualidade, contínuo, sustentador naqueles primeiros anos.

A questão é: os pais são capazes de passar a cuidar de seus bebês e usar menos as creches?

TBB: Eu preferiria que a creche para bebês e crianças pequenas não fosse necessária, mas acho que há uma grande parcela da população, neste momento, que não pode assumir o cuidado integral de seus filhos.

SIG: É uma das razões por que os pais não podem interferir na forma como as pessoas estão crescendo hoje?

TBB: As expectativas estão mudando. É como o que acontece ao casamento em uma sociedade em que a taxa de divórcio está chegando a 50%. As expectativas em relação ao casamento mudaram. A mesma coisa está acontecendo com a forma como as mães pensam sobre ficar em casa. Em uma geração anterior, esperava-se que a maioria delas ficasse em casa, e era fácil para elas fazê-lo. Agora mudamos aquela expectativa inteiramente e é difícil revertê-la.

SIG: Do ponto de vista da criança, entretanto, examinemos o primeiro ano de vida em uma creche de tempo integral – 40 ou mais horas por semana. Como você acha que os bebês desenvolvem relacionamentos nessas circunstâncias?

TBB: Os bebês podem criar múltiplos vínculos significativos. Certamente, eu esperaria que os pais viessem em primeiro lugar, e a criança fizesse ligações secundárias com o resto das pessoas. Eu visitei um berçário recentemente em uma hora em que todas as mães estavam lá. Após algum tempo, apenas uma

mãe ficara e todas as crianças eram atraídas para ela. Olhei para as pessoas realmente capazes da creche que estavam ali e disse: “Elas realmente parecem ter esquecido de vocês, não parece?”. Elas responderam: “Quando há uma mãe aqui, nós nem existimos.” As crianças já estavam diferenciando entre as cuidadoras. Nem mesmo precisava ser a mãe delas; bastava ser uma mãe.

SIG: Isso não é tão bom. Em inúmeras creches, quando as crianças já se movimentam, eu vejo muitas delas emocionalmente famintas. Elas se aproximam de qualquer adulto novo e o agarram. Um pouco dessa procura por qualquer mãe é simplesmente a procura de alguém que lhes dará alguma atenção. É um pouco indiscriminado. Vemos isso em instituições como orfanatos, nas quais há privação emocional. Um minuto aqui e ali de interação recíproca, às vezes em torno da alimentação ou troca de fraldas, não é suficiente para fornecer a segurança e o senso de estar tendo cuidados necessários.

Se quisermos dar aos pais opções flexíveis, precisamos melhorar as creches e reduzir o número de horas por semana que as crianças passam nelas.

TBB: Mais uma vez, acho que precisa ser uma decisão caso a caso, pesando isso e aquilo, em vez de simplesmente dizer às pessoas o que fazer. Alguns pais são melhores pais se houver uma saída para eles. Mas precisamos fornecer à criança um cuidador secundário ideal.

SIG: Quando converso com colegas estudantes, freqüentemente lhes pergunto como eles vêem suas vidas em relação a ter filhos. Enquanto eles pensam sobre uma carreira e casamento, estão levando em consideração a criação de filhos, bem como as demandas de uma profissão? Eles vão casar com um neurocirurgião, ou eles próprios vão ser neurocirurgiões? Estão planejando ter vários filhos? Ter dois neurocirurgiões na família junto com quatro filhos pode ser mais difícil e exigente do que eles possivelmente podem imaginar. Por outro lado, se duas pessoas vão se casar e ambas querem seguir uma carreira, e uma delas é um escritor e a outra um psicólogo, eles podem ter mais controle sobre seu tempo. Uma delas poderia trabalhar dois terços do tempo, e a outra poderia trabalhar metade do tempo, e eles poderiam cuidar dos filhos no tempo limitado restante. Mas muitos desses pais em potencial ainda não pensaram nisso. Eles querem filhos e uma boa carreira e não vêem problemas. O que eles estão sendo levados a acreditar agora é que a creche em tempo integral, nos primeiros anos de vida, é tão boa ou se não melhor do que o que eles podem fornecer: “Eu vou ter um bebê, tirar dois meses de licença, colocá-lo na creche e ser advogado, e minha esposa será uma advogada. Trabalharemos até às 8 horas da noite. Pegaremos na creche, iremos para casa e brincaremos por uma hora”. Em famílias como essa, vejo crianças não tendo suas necessidades básicas de carinho satisfeitas.

TBB: Quando vejo uma família como essa, o que vejo é muito sofrimento. Esse tipo de tratamento da criança está ignorando seus interesses a tal ponto que deve haver muita negação. Alguma coisa é tão dolorosa que esses pais têm de se esconder atrás de defesas.

SIG: Mas nós apoiamos esse tipo de negação ou ajudamos os pais a sair dela? Quando novos pais tomam suas decisões cedo, alguns intuitivamente planejam

a flexibilidade de estar mais em casa; às vezes é a mãe e às vezes é o pai que fica em casa. Os pais que são mais ambivalentes e tendem a usar negação procuram orientação. Mas eles acabam obtendo muita informação errônea. Eles ouvem dizer que não faz diferença. Se os futuros pais soubessem mais sobre essa necessidade de um relacionamento contínuo, íntimo, poderiam planejar mais realisticamente. Eles veriam o quanto é difícil ter esse tipo de relacionamento com dois empregos de tempo integral e uma creche de tempo integral. Se os pais vissem as opções, poderiam fazer escolhas. Se eles tiverem uma auxiliar em casa e escolherem bem, terão uma maior probabilidade, se puderem dar-se o luxo de manter a mesma pessoa com eles por muitos anos. Na creche, pelo padrão, as atendentes mudam a cada ano. A rotatividade é tão grande, contudo, que pode haver uma outra mudança, ou duas, mesmo dentro de um ano. Pode haver três mudanças de atendentes nesse mesmo espaço de tempo em que o bebê esteve na creche. Salários mínimos, falta de treinamento, etc., contribuem para isso. A atendente em uma creche não é um *meta pelet* em um *kibbutz* em Israel, que é uma pessoa estável na vida de uma criança, ficando com ela durante quatro ou cinco anos. Não precisa ser a mãe. Poderia ser o pai ou o avô, ou a avó. A criança precisa de uma pessoa em sua vida que vá ficar lá por muito tempo.

TBB: Para melhorar as creches, eu considero três bebês por adulto como sendo o máximo absoluto para o primeiro ano de vida. Mas agora o normal é quatro bebês por atendente. Imagine uma mãe com trigêmeos e o quanto é difícil para ela cuidar de todos os três bebês ao mesmo tempo.

SIG: Você recomendaria, Berry, que um bebê fosse mantido com as mesmas atendentes pelos primeiros três ou quatro anos? Um grupo de pessoas, por exemplo, acompanharia um grupo de crianças que começariam como bebês até a idade de 2-3 anos.

TBB: Isso funcionaria, contanto que a atendente realmente gostasse de cada bebê, mas suponha que ela não gostasse de um? Ele poderia ser mudado para o grupo de uma outra? Atendentes e bebês, como os pais, poderiam ser avaliados para "ajustamento de boa qualidade" entre eles. Além disso, quando você chega ao segundo e terceiro ano, e tomar conta de quatro crianças se torna possível, uma quarta criança será acrescentada ao grupo de três. O quarto bebê não teria necessariamente as mesmas auxiliares.

SIG: As crianças extras no grupo poderiam vir de fora, talvez de casa. Para que isso funcione, teria de haver um aumento de vagas na creche no segundo e terceiro ano, com cada classe sendo maior do que a anterior. Mais crianças estão na creche aos três do que nos primeiros dois anos de vida. Então temos de criar incentivos para que o pessoal das creches permaneça, dando melhores salários e treinamento.

TBB: Temos de aumentar os salários para um nível decente e precisamos melhorar suas condições. Atualmente, elas são consideradas "tias" com algum menosprezo.

SIG: Isso é o que temos de corrigir. Precisamos analisar tudo o que está envolvido no cuidado significativo de uma criança: criando diálogos contínuos, refletindo e aceitando uma variedade de emoções. Às vezes você pode encontrar pessoas

que são afetuosas, sustentadoras e emocionalmente responsáveis, embora elas próprias não tenham tido uma chance de educar-se. Às vezes você pode encontrar pessoas jovens que querem ter experiência com crianças e que são naturalmente sensíveis e flexíveis.

TBB: O pessoal das creches necessita de estimulação constante. É um trabalho desgastante tomar conta dos filhos dos outros. Se os pais e a equipe das creches pudessem lidar com seus distanciamentos naturais, inevitáveis; os pais poderiam tornar-se seus pares "incentivadores". A equipe (de pais e funcionários) poderia compartilhar do desenvolvimento ideal da criança.

SIG: Precisamos considerar tudo isso do ponto de vista de prevenção. Isso é uma questão de saúde pública.

TBB: Quando o Congresso estava falando sobre os 22 bilhões de dólares para melhorar as creches, eu tive a chance de ir até Washington e lhes dizer que se eles simplesmente repassassem o dinheiro para os estados, todo ele seria consumido. Seria melhor dá-lo para os estados vinculados a escolhas baseadas na qualidade das creches que agora sabem produzir, e deixá-los fazer suas escolhas. Quando chegou o momento de expor as escolhas que funcionariam para a criança, eles disseram: "Oh, temos de fazer algumas pesquisas". Eu lhes disse que já haviam sido feitas várias pesquisas. O que precisamos agora é simplesmente a vontade de colocar a pesquisa em prática. Eles perguntaram se eu poderia dizer-lhes que programas funcionam. Eu disse, não falando por mim, que certamente poderia reunir um grupo de colegas que poderiam lhes dizer quais poderíamos garantir que funcionariam. Os governos estaduais podem consumir as receitas para as creches, se não tivermos cuidado. O único setor que poderia fazer uma diferença real, e que poderia ter recursos, e ser motivado, se fôssemos suficientemente inteligentes, seriam as grandes empresas. Se pudéssemos conseguir que eles estabelecessem um centro em cada local de trabalho que englobasse cuidado de saúde preventivo, creche, cuidado após a escola e cuidado do idoso, então talvez pudéssemos começar a atingir maior quantidade de pessoas. Não acho que precisamos usar as escolas para isso, mas Ed Zigler de Yale tem um modelo que ele chama de a "Escola do Século XXI", no qual todas essas situações de cuidados são reunidas em prédios de escolas que não estão em uso e transformados em centros para famílias em suas comunidades. (Ver Lista de organização no Apêndice.) No nosso modelo *Touchpoints*, estamos recomendando que sejam estabelecidos centros de pais em cada comunidade em que estes poderiam ter creches, cuidado de saúde preventivo, cuidado após a escola e cuidado do idoso. Centros de recurso parental, como o Family Support America, poderiam ser estabelecidos. (Ver Lista de organização no Apêndice.) Os pais poderiam então começar a ter um senso de comunidade em torno deles.

Nosso modelo *Touchpoints* foi desenvolvido no Hospital da Criança, em Boston, para treinar representantes multidisciplinares das comunidades que estão prontos para mudança em um modelo relacional. (Ver Lista de organização no Apêndice.) Queremos melhorar o cuidado de saúde preventivo e as creches com vários objetivos. A cada visita de pais e filhos, o provedor (creche ou cuidador

médico) identifica os pontos fortes bem como as falhas do pai. O desenvolvimento da criança é a linguagem entre profissional e pai. O pai é valorizado como especialista no desenvolvimento da criança. Dessa forma, a paixão do pai é incentivada.

O relacionamento é transacional *versus* de cima para baixo. Cada visita se torna uma oportunidade para compartilhar as novas realizações da criança e para encorajar o seu desenvolvimento, tanto físico quanto psicológico. Vinte e cinco centros têm adotado nossas idéias e estão transformando as comunidades, deixando-as mais amistosas aos pais. Nosso objetivo é oferecer atendimento preventivo para os atuais 40% de desassistidos. Nós sabemos o que fazer. Será que poderemos fazê-lo?

Guarda provisória e adoção

SIG: Além dos filhos de pais que trabalham, precisamos pensar nas crianças sob guarda provisória, ou em instituições de qualquer tipo. Vimos o que acontece em certos orfanatos do leste europeu, onde não havia cuidadores primários envolvidos com cada criança. Nos Estados Unidos temos crianças indo de um lar adotivo para outro e mudando de cuidadores. Temos instituições nas quais as crianças permanecem até serem adotadas, mas não são necessariamente encaminhadas a um cuidador realmente envolvido com o bebê ou criança.

TBB: William Weld, ex-governador de Massachusetts, designou uma Comissão do Cuidado Adotivo em 1992, constituído de 20 de nós, para melhorar o Departamento de Serviço Social.¹⁹ Examinamos cem casos aleatórios, partindo dos registros. Em primeiro lugar, nenhum desses casos tinha sido realmente examinado. Ninguém sabia por que a criança estava sendo trazida para a instituição. Ninguém sabia do que ela necessitava e ninguém se importava em conciliar a criança com a família que a estava levando. Naturalmente, isso significava que as crianças iam de uma família para outra e para outra. Quaisquer que fossem os problemas iniciais da criança, eles estavam sendo desconsiderados.

SIG: Que porcentagem das cem crianças tinham estado em múltiplas custódias?

TBB: A maioria delas. O governador deu atenção a nosso relatório. Conseguimos um novo administrador que trouxe autoridade e experiência, e estabeleceu sistemas de rastreamento para essas crianças. Assim que o departamento começou a rastreá-las, ficou claro que as crianças estavam sendo empurradas de um lado para outro. Eles conseguiram diminuir significativamente o número de mudanças que as crianças faziam. Recomendamos que essas crianças passassem por uma avaliação inicial, de modo que todos soubessem o que estava acontecendo com elas. Em primeiro lugar – se estavam sendo maltratadas, ou negligenciadas, ou vinham de famílias que nunca haviam prestado atenção nelas. Dessa maneira, começaríamos a saber como elas estavam psicológica e emocionalmente. Assim que fizemos isso, as crianças começaram a obter adoções que se ajustavam e nas quais elas permaneciam. Nos anos que se seguiram, mudamos significativamente o quadro da adoção em Massachusetts.

SIG: Uma vez que você elaborou o ambiente de alguém, qual foi então a solução prática que ajudou o Estado a tomar melhores decisões sobre adoção?

TBB: Até aquela data, tudo o que eles estavam fazendo era colocar *band-aids*. Começamos a saber muito mais sobre as famílias adotivas, porque elas tinham cuidado de outras crianças e tinham sido obtidas informações sobre elas. Identificando como era a criança, a agência poderia ir a uma mãe adotiva que tivesse, digamos, dois filhos agora e queria um terceiro e explicar que essa criança tem tal e tal temperamento e é assim ou assado. Ela então poderia ter alguma responsabilidade pela decisão. A outra coisa que nosso trabalho fez foi encorajar as agências a concentrar-se em conseguir a adoção dessas crianças. O sonho de que eles iriam reconstituir as famílias originais era, freqüentemente, um sonho. A adoção estava sendo adiada ano após ano na vã esperança de que os pais pudessem ser reabilitados. As crianças sofriam.

SIG: Poderia haver uma mudança no Estado e nas leis nacionais que requeresse um tempo de espera na adoção de crianças? Dado o que sabemos sobre a importância de relacionamentos precoces e contínuos, fazer as famílias esperar para adotar não é melhor para a criança.

TBB: Em Massachusetts, você tem de esperar pelo menos um ano para ver se a mãe vai querer seu filho de volta ou não.

SIG: Ou seja, se os pais querem o filho de volta ou têm uma fantasia sobre querer o filho de volta. Mas e se o pai está disposto a desistir da criança?

TBB: Nesse caso, a adoção é agora possível. A necessidade de se ter bebês adotados mais cedo era porque eu realmente iniciei o Neonatal Behavioral Assessment Scale (NBAS).²⁰ Você não podia adotar uma criança com menos de quatro meses de idade em Massachusetts porque ninguém poderia identificar se a criança era neurologicamente normal ou não. Eu comecei a elaborar o NBAS para identificar crianças que pudessem ser adotadas cedo e mudar a lei de quatro meses para zero. Você agora pode adotar uma criança recém-nascida se o pai der a custódia. Mas eu não sei se o NBAS ainda é usado tanto assim. Espero que seja. Em alguns casos, você pode adotar um bebê sem ele ter sido examinado. Na Coreia, as agências de adoção requerem que a mãe estrangeira vá à Coreia por um mês para conhecer a criança.

SIG: Não trabalhando com as mães, as agências certamente prolongam o tempo na custódia. As leis dão muito tempo para se reclamar um bebê, o que retarda a adoção em muitos casos e interfere nela. Isso é o oposto do que recomendamos a todo bebê. Todo bebê necessita de um relacionamento contínuo, sólido. Prolongando a custódia e adiando a adoção, estamos criando um estresse desnecessário para o bebê. Antes, deveríamos tentar conhecer a mãe e o filho e tentar ajudá-la a tomar uma decisão que seja boa para ela. Ela precisará de ajuda, quer pegue o bebê de volta ou abra mão dele. Os estados e os tribunais têm de perceber que muitas leis atuais estão trabalhando contra os interesses do bebê. Temos de criar intervalos de tempo legalmente mais curtos e dar apoio e aconselhamento para ajudar as mães a tomar uma decisão em um período de tempo menor.

TBB: Há também situações em que os pais que vão adotar conhecem a mãe biológica durante a gravidez. Incluir a mãe natural no quadro interfere nos relacionamentos íntimos?

SIG: Eu não penso assim. Em muitos casos, se isso funcionar bem, a mãe tem menos probabilidade de contestar a adoção. Nos casos em que temos trabalhado, a mãe se sente parte da família.

TBB: Mas há o perigo de que os pais adotivos possam sentir-se secundários de alguma maneira. Eles podem temer que a mãe decida repentinamente que quer o bebê de volta. Lembra o bebê que foi devolvido à mãe biológica após a adoção já ter realmente ocorrido, o Bebê M? A mãe natural já o tinha segurado no período neonatal. Naturalmente ela o quis de volta.

SIG: Há um momento que queremos recomendar para uma adoção, uma ocasião na qual diríamos que é muito tarde para reunir o bebê com os pais biológicos?

TBB: Evidentemente precisamos estabelecer um período de tempo após o qual podemos dizer que os direitos do bebê têm precedência. A mãe certamente tem direitos, mas os tribunais reconhecem os direitos de um bebê?

SIG: Quando diríamos que a criança não deveria ser separada de um cuidador sustentador? Deveríamos dizer que após uma certa quantidade de tempo não podemos fazer isso com as crianças?

TBB: Eu diria que depende da criança em particular.

SIG: Aos quatro meses, podemos recomendar que a transição seja feita gradualmente. A mãe adotiva precisa primeiro visitar e restabelecer um relacionamento. Então ela precisa dar apoio e sustentação e deixar a mãe biológica, ou a mãe de criação, fazer visitas a fim de não haver muita ansiedade de separação. Uma mãe de criação pode até ser como uma avó, uma tia e continuar fazendo parte da vida da criança. Você precisaria criar uma transição com bastante contato. Quanto maior o tempo, por exemplo, mais difícil para o bebê mudar. Uma vez que ele esteja com alguém por seis meses, ou mais, você vai comprometer os relacionamentos e desenvolvimento dele.

TBB: Por que você esperaria seis meses? Eu acho que quatro meses deveria ser o ponto de desligamento, porque nessa idade o bebê está mostrando os primeiros sinais de autonomia. Portanto, toda a base para autonomia da criança estaria em alto risco. Eu também recomendaria que uma mãe biológica que pega seu filho de volta fosse rigorosamente supervisionada para assegurar que está cuidando bem do bebê. As questões do bebê deveriam vir em primeiro lugar. Eu desejaria um sistema de sustentação seguro para uma mãe biológica quando ela pega um filho de volta em qualquer idade. Acho que as razões para ela ter abandonado o bebê têm de ser exploradas. Ela estava deprimida? Ela está curada de sua depressão? Ela é ambivalente? Ela ainda está ambivalente? Algum tipo de avaliação seria fundamental.

SIG: A idéia básica é que à medida que o bebê se torna mais velho e mais relacionado com seu cuidador principal, a separação vai contra os interesses dele, mesmo quando é o pai biológico que o quer de volta. Temos exagerado os direitos biológicos do pai e desconsiderado os direitos do bebê. Quanto mais você se apro-

fundar, mais concretas serão as razões para ter a criança de volta. A peça que falta no sistema legal é a negligência dos direitos do bebê. Temos de ser capazes de explicar a pais e juízes o que está acontecendo com ele. O bebê está formando um quadro de quem ele é como pessoa, e um senso de confiança e sustentação, tudo através de um relacionamento com um cuidador sustentador. Romper isso é correr um grave risco. Há muito sofrimento. As pessoas não percebem a quantidade de sofrimento pelo qual as crianças passam quando você puxa o tapete debaixo de seus pés, de uma forma como essa.

TBB: Temos de estabelecer e deixar claro aos pais e àqueles que tomam decisões em relação a crianças o que achamos que acontece nos primeiros três anos. Há três desenvolvimentos-chave. O primeiro é um senso claro de auto-estima na criança; o segundo é, confiança suficiente para ser altruísta e se preocupar com os outros; e o terceiro é a motivação para aprender. Esses três, pelo menos, são ameaçados quando alguma coisa séria acontece ao principal relacionamento de uma criança nos primeiros três anos de vida.

SIG: Esses três são absolutamente ameaçados. Além disso, o bebê está formando a base para aprendizagem sobre intimidade. Ao formar um senso de *self* baseado em intimidade, confiança e relação com outros, está aprendendo afeto e compaixão. O bebê também está aprendendo – através de reciprocidade – como ser intencional, premeditado e obstinado. Isso leva a aprendizagem de como ser lógico e organizado. Ele está aprendendo que pode ter impacto e fazer as coisas acontecerem. No segundo ano, o crescente senso de *self* em desenvolvimento ajuda os bebês a reunirem as pequenas peças e formarem uma pessoa. Pré-verbalmente, eles estão aprendendo como ser solucionadores científicos de problemas. Então aprendem a usar idéias e formar um senso de *self* em termos de quem são como pessoas. É então que começamos a ver o altruísmo. Geralmente não pensamos muito em tudo o que acontece nos primeiros três anos quando colocamos crianças em risco. Estamos arriscando todo o desenvolvimento cognitivo e emocional quando brincamos de roleta russa com a questão da adoção e custódia. Compreendendo esses desenvolvimentos necessários, podemos criar argumentos fortes para desviar a ênfase para o que é melhor para a criança.

TBB: Também deveríamos pensar em avaliar os pais adotivos e prepará-los. Muitos pais adotivos são vulneráveis, especialmente se a razão para a adoção for infertilidade. Um pai sente-se fracassado. O outro teve de aceitar. Então, tomam a decisão de adotar. No período de espera, sua ansia e expectativa pelo bebê crescem. Querem ser pais ideais para essa criança. Quando o bebê chega de outro ambiente ou de uma outra cultura, ele provavelmente estará hipersensível e esmagado pela mudança. Não importa o quanto o ambiente anterior tenha sido ruim, devido a seu ajustamento a ele, a criança está fadada a sofrer. Aos quatro meses, eu esperaria um mês de sofrimento e reajustamento. Com um ano, pelo menos dois meses. Devido à sua hipersensibilidade, o bebê afasta-se desses impacientes novos pais adotivos. Não olhará para eles. Não aceitará suas ofertas. Não comerá. Está retraído e frágil. A vulnerabilidade dos pais é reforçada. Então, porque sabemos tanto sobre influência intra-uterina, eles podem começar

a ver o bebê como já prejudicado por exposições intra-uterinas como privação. Eles começam a prever o fracasso. Podemos preparar pais adotivos para esse período de ajustamento e prevenir tais falhas nas adoções.

Mães na prisão

TBB: E quanto às mães na prisão? No primeiro ano, as chances de reabilitar a mãe com base na criança são tão boas, e as chances de o bebê ser afetado por estar com a mãe na prisão são tão escassas que eu recomendaria.

SIG: Isso faz sentido se a mãe tem uma chance de sair em um ou dois anos. Se a mãe vai ser libertada em dois anos, eles deveriam fazer um programa para esse período, ou fazer todo o possível para colocá-la em uma casa de passagem. Você não quer que eles fiquem juntos por um ano, então os separa nesse período, e depois coloca a criança de volta com a mãe. Se a mãe for condenada à prisão por um ano, eu recomendo que o bebê fique com ela. Isso poderia funcionar para uma mãe que ficou grávida e deu à luz na prisão. Esse não é o caso com crianças de cinco ou seis anos de idade.

TBB: Jean Harris iniciou um programa como esse no estado de Nova York [Sing Sing] e está funcionando muito bem.

SIG: Se uma mãe recebe uma sentença de 10 anos por um crime sério, é uma questão complicada. Talvez o bebê pudesse ser trazido pela avó para visitar a mãe com frequência.

TBB: Eu ainda deixaria a criança com a mãe no primeiro ano. Isso seria terapêutico para a mãe.

SIG: Definitivamente terapêutico para a mãe, mas e quanto ao bebê?

TBB: Se a criança pudesse viver com um avô, poderia funcionar. Mas se não houvesse ninguém na família que pudesse assumir o bebê após o primeiro ano, isso deveria ser decidido de acordo com o que fosse melhor para ele, o que realmente poderia não ser ficar com a mãe. De qualquer maneira, quanto mais cedo a decisão for tomada, mais estável o ambiente que poderíamos oferecer à criança.

SIG: Se a mãe for permanecer na prisão por um, dois ou três anos, e ela estiver realmente bem, pode ser colocada em uma casa de passagem a fim de poder ficar com o bebê. Um programa teria de fazer todo o possível para manter mãe e filho juntos, até que a mãe saia da prisão, não apenas por um ano. Fazer direito, não simplesmente fazer pela metade. Mas se a mãe for ficar na prisão por 10 anos e não houver uma avó, eu concordo que é melhor para o bebê ser adotado. Em circunstâncias nas quais há uma avó ou tios para cuidar da criança, a questão é se é melhor para o bebê ficar com a mãe na prisão no primeiro ano e apegar-se a ela e então formar um novo relacionamento com a avó, ou é melhor para o bebê ficar desde o início com ela e então apenas visitar a mãe.

TBB: É melhor ter sido amado e perder do que nunca ter sido amado.

SIG: Mas o bebê poderia apegar-se à avó ou aos tios.

TBB: As chances de um bom cuidado para o bebê são boas com alguém que está encarcerado. Você se lembra daquele antigo estudo de Skeels/Skodak em que as

mulheres estavam em instituições e fizeram trabalhos tão maravilhosos com as crianças? Eram mulheres com problemas sérios, mas elas estavam em instituições e não tinham nada mais o que fazer a não ser brincar com seus bebês. Elas provavelmente passavam 50% do tempo de vigília com o bebê. Penso que isso deve ser considerado. Talvez porque ela esteja presa, seja uma mãe melhor do que poderia ser se não estivesse presa. Isso daria ao bebê um começo decente. Então a avó poderia assumir. Mas quando mulheres se comportaram tão terrivelmente na sociedade, também me preocupo com que tipo de avós essas crianças irão viver.

Orfanatos e casas de grupo

SIG: Com relação a isso há uma questão: que tipos de cuidado institucional temos agora, além da custódia? Há um período de transição em que a custódia não começa imediatamente. Há situações de grupo antes que uma criança entre em custódia.

TBB: Mas houve uma reviravolta real contra orfanatos nos Estados Unidos, e eu não sei quantos restaram.

SIG: Algumas casas de grupo são como custódias. O problema com as instituições tão grandes quanto os orfanatos é que elas tendem a um cuidado impessoal. Casas de grupo pequenas podem funcionar melhor, porque são mais pessoais.

TBB: Se estamos esperando fornecer cuidadores sustentadores, não seria melhor considerarmos que tipo de sustentação podemos oferecer a elas próprias? A exaustão é uma realidade quando você trabalha nesse tipo de instituição. E ela pode assumir muitas formas, como negligenciar as crianças, maltratá-las e até odiá-las. Poderíamos sugerir que as atendentes institucionais tivessem encontros de grupos e supervisão semanal, que elas tivessem um supervisor a quem encaminhar seus próprios problemas, que fossem avaliadas de tempos em tempos em relação a seu próprio ajustamento e problemas, bem como seu desempenho?

Temos enfrentado esses problemas com aqueles que trabalham com mães adolescentes viciadas em drogas. Têm trabalhado bem, e eu fico me perguntando por quê. Então eu penso – essas pessoas têm um motivo. Têm um motivo real: livrar essas meninas das drogas. Talvez o que precisemos fazer seja dar a elas, em ambientes institucionais, um motivo claro, explicar o que estamos tentando conseguir com essas crianças. Estamos tentando fazê-las desenvolver-se de maneiras específicas – afetiva, cognitiva, motora? Talvez precisemos ser muito claros em relação aos objetivos. Não estamos apenas pedindo que as atendentes tenham bom coração, sejam doces e dignas de confiança, porque isso cansa. Mas podemos dizer que queremos ver essas habilidades, essas atividades, essas respostas que elas podem tentar alcançar e teremos meios de medir o progresso.

SIG: Em todas as situações, incluindo as creches, sabemos os tipos de interações nas quais as crianças precisam estar envolvidas. Quando encorajamos o “jogo” ou as “interações recíprocas” sabemos o que aquilo significa. Mas temos de gastar um pouco mais de tempo em educação e treinamento. Toda a orientação e o

sistema de valores de ambientes para crianças precisam ser reconsiderados à luz do que sabemos agora, sobre a importância de um cuidador sustentador consistente e interações emocionais sensíveis. Treinamento, apoio contínuo para a equipe e observações regulares de como eles estão se saindo no contexto de padrões específicos são necessários. De fato, todas as necessidades que estamos discutindo neste trabalho deveriam fazer parte do programa.

TBB: Eu gosto de relembrar as 10 enfermeiras que treinamos quando iniciamos o Touchpoints. Trouxemos 10 enfermeiras da região de Boston que, juntas, tinham trabalhado com crianças por um total combinado de 180 anos. Elas eram mulheres maravilhosas, enfermeiras dedicadas. Na metade da semana de treinamento, elas disseram que não poderiam assumir mais nada. Não tinham tempo. "Estão nos pedindo para ver cada vez mais pacientes, não menos", elas disseram. "Não há tempo." Quando perguntamos no que elas estavam gastando seu tempo agora, disseram que as mães as faziam escutar todas as razões por que suas vidas eram tão terríveis e com quanto abuso elas tinham de conviver. Eu perguntei se elas estavam mudando alguma coisa daquilo e disseram que não, tudo o que podiam fazer era dar apoio às mães. Eu disse que podiam fazer isso, mas que elas também tinham alguma coisa muito especial nas mãos. Tinham o futuro de uma criança. Se elas gastassem 10 ou 15 minutos de seu tempo com a mãe falando sobre o desenvolvimento da criança e captando a paixão dela por seu filho, elas poderiam lhe dar um senso de esperança, que de outro modo essa mãe não teria. Bem, os olhos delas se iluminaram. Ao final da semana, elas disseram que não sabiam o quanto tinham estado próximo da exaustão. Algumas até choraram. Elas não tinham tido nenhuma orientação. Eu acho que o que mais as atendentes precisam é de orientação.

SIG: Você estava ajudando as enfermeiras a sentir que estavam fazendo alguma coisa importante. Agora, e quanto aos orfanatos ao redor do mundo que estão acolhendo as crianças indesejadas, em termos da importância de relacionamentos e sustentação. O que diríamos a eles?

TBB: O orfanato em Seul, no qual estive na semana passada, há bebês muito jovens que foram todos deixados nos degraus da porta. Eu perguntei por que eles não podiam dá-los para adoção, e a resposta foi que não sabiam quem eram seus pais. Essas crianças estariam muito melhor adotadas do que esperando um ou dois anos, mas eles não podiam fazer isso.

SIG: O sistema legal deles diz que você tem de conhecer os pais antes de poder adotar uma criança?

TBB: Você tem de ficar um ano tentando descobrir quem são os pais antes da adoção. Havia muitas famílias que queriam adotar essas crianças.

SIG: De algum modo, precisa haver uma consciência do que estamos fazendo à criança, esperando um ano.

TBB: Eu me preocupo em relação a tentar fazer coisas em outras culturas ou países porque acho que há muitos problemas étnicos que não entendemos. Quando eu fazia esse tipo de trabalho com outras culturas, era preciso mais ou menos um ano para entendermos quais eram todas as variáveis. Tudo o que podemos

fazer é expor os valores que nós achamos importantes em nossa cultura e então dizer que esperamos que esses sejam traduzíveis, adaptáveis a outros países. Não acho que devamos tentar fazê-lo nós mesmos. Em algumas culturas, a criança provavelmente carrega um estigma se sua mãe o deixar no degrau de uma porta.

SIG: O desafio é criar ambientes verdadeiramente sustentadores, de modo que a criança não perca terreno em uma ambiente institucional impessoal, e iniciar processos dentro de diferentes culturas, incluindo adoção, que ajudem as crianças a se tornar parte de uma família o mais rápido possível. Na Rússia, eles tentaram um programa no qual a mãe, quando dá à luz no hospital, passa uma certa quantidade de tempo com o bebê junto dela, amamentando e abraçando, etc. Isso cortou pela metade o número de bebês que eram abandonados no hospital, que originalmente era muito alto.²²

TBB: Quando Melvin Konner e sua esposa, Marjorie Shostak, foram para o Deserto de Kalahari, fizeram treinamento comigo na minha Avaliação Comportamental Neonatal. Quando voltaram, eu estava louco para ouvir como eram os bebês recém-nascidos boximanes. Eles disseram que se vê apenas 50% deles. Aparentemente, a avó e a mãe vão para o meio do matagal para fazer o parto do bebê. Elas decidem, no nascimento, quais elas trarão de volta. Essa é uma cultura nômade, vivendo muito próximo do limite de necessidades nutricionais e outras necessidades de sobrevivência. Cada novo bebê perturba o equilíbrio da tribo, assim eles só podem permitir-se criar poucos a cada ano. Aqueles que elas trazem de volta são os mais bem-formados. Você pode ver que fazer recomendações em outras culturas é complicado.

SIG: Nos Estados Unidos, se um bebê tem de ficar em uma instituição ou casa de grupo porque não há expectativa de adoção, é ali que podemos estabelecer diretrizes. Por exemplo, deveria haver uma atendente sustentadora encarregada dessa criança, e de não mais que outras duas, durante o tempo que ela ficasse na instituição. Eles também deveriam tentar criar uma transição com visitas da atendente, uma vez que a criança seja adotada ou entre em custódia. Também precisamos de diretrizes para o jogo interativo, para o manuseio físico do bebê e para quanto tempo o bebê deveria ser deixado sozinho.

TBB: E quanto ao cuidado de parentes?

SIG: Temos de ser flexíveis e fornecer o melhor cuidado para esse bebê. Tem que haver flexibilidade suficiente e pessoas com tempo para avaliar se o sistema está sendo explorado ou violado. Digamos que você está procurando um lar adotivo, e a avó diz: "Eu vou assumir o bebê, mas não vou conseguir sem a mesma ajuda que vocês dão a uma mãe adotiva. Eu estou mais familiarizada com ele e o amo". Se você acha que isso é verdade, então isso é o melhor para o bebê. Mas em uma outra circunstância, se você pode ver que a avó não vai fornecer um cuidado muito bom e está nisso pelo dinheiro, a criança ficaria melhor com um pai adotivo.

O que falta em tudo isso é saber o que é bom para a criança. A criança vem em primeiro lugar. Então você tem uma base para tomar alguma decisão.

TBB: Penso que podemos dar diretrizes e até algum padrão de comparação para que os tribunais e agências tomem decisões. Muitas das decisões insatisfatórias tomadas nos tribunais são devido a uma falta de avaliação e uma falta de tempo. Você não pode esperar que os juizes criem esse tempo, mas pode esperar que eles tenham pessoas capazes ligadas ao tribunal, que assumam esse tempo. Os juizes das varas de família são realmente importantes. [Ver Orientações da Vara de Família de Washington, condado de King, no final deste capítulo.]

INTRODUÇÃO ÀS RECOMENDAÇÕES (SIG)

O dia de uma criança

Para colocar em prática as recomendações apresentaremos a seguir uma estrutura ideal para o dia de uma criança. Através das horas do dia, os relacionamentos sustentadores que discutimos se desdobrariam da seguinte maneira:

Bebês e crianças pequenas. Podemos dividir os tipos de envolvimento que os cuidadores têm com seus bebês, nos primeiros anos de vida em inúmeras categorias amplas. Um tipo (inadequado para crianças pequenas e bebês que estão acordados), envolveria ficar em casa com a criança, mas não ficar à vista da criança, porque se está em uma peça diferente. Um outro seria a presença na mesma peça, ou na peça ao lado, se houver uma abertura grande entre elas, onde a criança possa ver o pai e o pai possa ver a criança, e eles possam facilmente ouvir um ao outro, mas não estar necessariamente envolvidos diretamente em algum jogo, interação ou facilitação do uso de brinquedos ou materiais, etc. O pai e o bebê ficariam, cada um, envolvidos em suas próprias atividades. O bebê poderia estar simplesmente sentado em uma cadeira de bebê ou tentando entreter-se no chão com o pai cozinhando, limpando ou ocupado de outra maneira. O terceiro tipo de envolvimento seria em que o pai ou cuidador, disponível intermitentemente, estaria facilitando a interação do bebê com seu ambiente. Isso poderia ser olhar figuras juntos, ou o pai ajudar o bebê a explorar um brinquedo, ou ajudar uma criança pequena a explorar o ambiente. O cuidador ou o pai poderia estar ajudando a criança a olhar, tocar, examinar, vocalizar e eventualmente verbalizar sobre a experiência. A quarta categoria de experiência envolveria o pai interagindo diretamente com a criança. Aqui, o pai estaria acompanhando os interesses da criança, como produzindo sons ou faces engraçadas ou manuseando objetos ou, para um pré-escolar, estar envolvido em um jogo de faz-de-conta conjunto no qual o pai está fingindo ser um cachorro ou um gato, e interpretando um drama da escolha da criança. Nessa quarta categoria de experiência, o pai está diretamente envolvido com a criança e, basicamente, se torna o objeto do jogo, ou o brinquedo, ou o objeto de interesse. Ele poderia envolver segurar, acariciar, massagear as costas, abraçar e beijar, jogo imaginativo, etc. Para a criança verbal, isso poderia envolver conversa direta, ou negociação sobre brinquedos, ou livros, ou hora de dormir, ou decisões em relação a comidas, atividades, etc. O que caracteriza esse quarto tipo de envolvimento, ao

qual nos [SIG] referimos como “tempo no chão”²³, é o seguimento da liderança da criança e a comunicação direta, contínua entre a criança e o pai ou o cuidador. Muitos de nossos mais prazerosos e preciosos momentos mágicos com nossos bebês e crianças pequenas fazem parte dessa categoria.

Ao decidir como dividir o tempo de vigília da criança nesses tipos de atividade, é importante notar que um bebê que está dormindo 14 horas por dia, poderia ter cinco ou seis horas disponíveis quando alimentação, troca de fraldas e tranquilização não estão orientando as interações. Durante as atividades de alimentação e troca de fraldas pode e deve haver muita interação afetuosa com trocas de vocalizações e gestos.

Em meio a grande atividade da vida normal, os três tipos de atividade nos quais o cuidador está à vista podem ocorrer em muitos ambientes diferentes: na cozinha, na pracinha, no supermercado, no carro. Além disso, essas atividades se fundirão umas com as outras. Estamos falando aqui de proporções ou orientações aproximadas. Embora seja ideal reservar horas especiais para o terceiro tipo de interação, durante a qual não há distrações, esses três tipos de envolvimento podem realmente fluir e refluir entre si. Durante o tempo de facilitação, a criança poderia ser o companheiro inseparável do pai no supermercado, ou na cozinha, ou no quarto de dormir. Às vezes, a criança está ajudando os pais a realizar tarefas ou simplesmente aprendendo sobre como o papai coloca suas meias ou entendendo como os botões da máquina de lavar funcionam, enquanto a mamãe está colocando as roupas nela. No supermercado, a criança está observando as interessantes garrafas e caixas de cereal, ajudando a mamãe a pegar uma da prateleira, aprendendo a refrear-se, quando quer o doce colorido brilhante a mamãe tem de dizer: “Não, não”, e assim por diante. Às vezes a mamãe está ocupada consultando a lista de compras e verificando se já tem tudo o que precisa. Mas um minuto depois ela poderia estar ajudando o Joãozinho a pegar sua caixa de cereal favorita da prateleira. Chamaremos esse tipo de disponibilidade de facilitação informal, porque o pai está lá para ajudar, mas tudo realmente ocorre intermitentemente em torno do interesse, curiosidade e iniciativa da criança.

Para muitos pais, recomendamos esse fluxo relaxado, sem emendas, que tem em si uma qualidade natural e afetuosa. Pais ou cuidadores que tendem a ser preocupados e estruturados com suas tarefas podem precisar reservar cada vez mais horas especiais para as interações sustentadoras facilitadas ou diretas. No mínimo, deveria haver quatro oportunidades de 20 minutos ou mais para interação direta, simplesmente porque esse tipo de interação ajuda os bebês a aprender a ter um diálogo emocional e eventualmente um diálogo intelectual com seus cuidadores durante períodos de tempo mais longos. Elas facilitam o foco e a concentração, a profundidade do envolvimento, a leitura de sinais pré-verbais e a solução de problemas, e, em nível pré-escolar, o uso criativo e eventualmente lógico de idéias. Os períodos de 20 minutos ou mais são altamente desejáveis, mas mais uma vez eles podem ser intercalados com períodos de tempo mais curtos que fazem parte das rotinas do dia. Durante a troca de fraldas, alimentação, compras, limpeza e cozinha, podemos fazer intervalos para facilitar a interação de uma criança com seu ambiente

e para interação direta um a um. O objetivo a se trabalhar é que o tempo completamente independente ocupe menos de um terço do tempo e a combinação de interação direta [tempo no chão] e tempo de facilitação ocupe, pelo menos, dois terços do tempo. Quando revisamos o nosso dia, podemos perceber se temos um equilíbrio relativamente adequado. Isso se aplicaria de diferentes formas a todas as idades.

Também é importante enfatizar que a maior parte do tempo do bebê precisa ser com cuidadores que irão fazer parte contínua da sua vida e que tenham a sua confiança. A profundidade da nossa intimidade e sentimentos pelos outros depende em parte da profundidade de sentimento que se experimenta em relacionamentos contínuos. Portanto, não é qualquer cuidador que conseguirá. Toda criança requer pessoas que farão parte de sua vida durante toda sua infância e adolescência. Tornar-se dependente de cuidadores primários que desaparecem, não produz em um bebê um senso interior de segurança e consistência. Os arranjos de creche, em que as crianças estão passando a maior parte de seus dias com cuidadores transitórios, não deveriam ser vistos como ideais.

Pré-escolares. Durante os anos pré-escolares, as crianças requerem sustentação, relacionamentos afetuosos com seus pais exatamente como durante a fase de bebê. Agora haverá mais tempo para brincar com os amiguinhos e para outros relacionamentos que podem enriquecer suas vidas. Durante esses anos, os quatro tipos de disponibilidade também podem ser usados para caracterizar o tempo das crianças. Elas provavelmente estarão passando seu tempo em um programa de pré-escola, em outras atividades de grupo e brincando com os amiguinhos. Portanto, o tempo de vigília disponível para interações com os cuidadores pode ser um pouco menor do que nos anos de bebê.

Pode haver breves períodos de tempo quando as crianças estão em uma peça diferente da de seus pais, olhando um livro, brincando com seus brinquedos ou simplesmente relaxando. É melhor, mesmo durante os anos pré-escolares, entretanto, ter a criança ao alcance dos ouvidos e dos olhos. Peças contíguas são aceitáveis, mas ficar em uma parte diferente da casa não. Portanto, durante esses anos, o tempo disponível fora da pré-escola ou de atividades de grupo ainda deveria ser passado, na sua maior parte, nos três tipos de disponibilidade discutidos anteriormente, que incluem estar disponível, mas envolvido em suas próprias atividades (menos de um terço do tempo), e (mais de dois terços do tempo) disponível para comentar ou ajudar nas atividades da criança, e disponível para interações diretas, um para um. As brincadeiras com um amiguinho, além de um programa de pré-escola, deveriam ser uma experiência quase diária (i.e., quatro ou mais vezes por semana) para crianças pré-escolares.

Os anos de ensino fundamental. Para os primeiros anos de escola, da pré-escola até a 4ª série, as crianças geralmente são capazes de passar mais tempo fora das vistas dos pais, embora ainda seja bom tê-las ao alcance do ouvido e estar prontamente disponível para elas. Isso não apenas aumenta o senso de segurança, mas também reduz a probabilidade de comportamento perigoso.

Os dias de uma criança no ensino fundamental são compostos de tempo na escola, brinquedo com os amiguinhos e dever de casa, bem como tempo com a família. Para a maioria das crianças, o padrão de tempo familiar disponível será do final da tarde até a noite. A noite é reservada para uma combinação de dever de casa e tempo com a família, incluindo brincadeiras com irmãos e preparação para dormir. Deveria haver um mínimo de três horas de tempo familiar disponível – digamos das 18 às 20 horas – dividido em tempo independente, tempo disponível para facilitação e tempo de interação direta. Isso pode significar jogo imaginativo interativo direto para crianças menores e jogos e atividades interativas para as crianças mais velhas. Além disso, a conversa durante o jantar ou durante as horas de transição é uma outra forma maravilhosa de interação. Há muitas oportunidades de estar envolvido com a aprendizagem das crianças sobre seus mundos. Isso inclui ajudar com o dever de casa e passatempos, bem como ensinar-lhes coisas que são importantes para os pais, por exemplo, sobre feriados e valores (incluindo religião) ou simplesmente ser um auxiliar na hora de arrumar a mesa. Crianças dessa idade podem fazer inúmeras coisas com relativa independência, mas com os pais disponíveis. Isso poderia envolver fazer sozinho o dever de casa sem ajuda, passatempos, tempo no computador ou assistindo à TV.

O brinquedo com os irmãos, com e sem o envolvimento dos pais, pode acontecer à tarde ou à noite. O tempo em que as crianças estão brincando com a mamãe ou o papai pode ser o ponto alto de uma noite e de um fim de semana.

Esses parâmetros não pretendem sugerir que o tempo seja dividido em intervalos rígidos com X minutos para dever de casa, e X minutos para aprender sobre o mundo, e X minutos para jogo direto, com os irmãos ou com os pais. Frequentemente, assim como com os bebês e crianças pequenas, haverá uma variação ou troca na ordem das atividades. A criança pode estar fazendo o dever de casa por 20 minutos e então necessitar de um intervalo e envolver-se em um passatempo ou juntar-se ao papai e ajudá-lo a fazer alguma coisa, ou ajudar a mamãe na cozinha ou fazer algum jogo imaginativo, e então voltar e terminar o dever de casa. Uma criança pode se divertir contando piadas durante o jantar e então passar a falar sobre alguma coisa que aconteceu na escola, ou sobre eventos atuais ou explorar alguns novos quadros que foram pendurados na cozinha. Aqui, a interação direta e a aprendizagem facilitada sobre o mundo pode ocorrer de uma maneira casual. Aqui, também, mais de dois terços do tempo disponível deveria ser utilizado para esses tipos de relação.

A razão por que é ideal reservar intervalos de 20 minutos ou mais para brincadeiras prazerosas interativas diretas com crianças em idade escolar mais jovens e jogos interativos de envolvimento total (p.ex., esportes, dança, música) com crianças em idade escolar mais velhas, é que esses momentos criam uma proximidade e intimidade especial com os pais. A informalidade relaxada permite a troca de idéias. Nessa atmosfera, a criança pode expressar o que está em sua mente indiretamente através de brincadeiras imaginativas ou através de jogos. A criança que é irritada e exigente, por exemplo, exigirá brincar apenas por suas regras e relutará em aceitar

as regras dos outros. A criança que é assustada e medrosa pode, em seus jogos imaginativos, representar cenas de furacões e calamidades ou doença. Ser empático com a perspectiva da criança e oferecer muito afeto e sustentação, enquanto se tenta ajudá-la a ampliar suas perspectivas, pode ser muito valioso.

Disponibilidade relaxada, "tempo de ficar por dentro"

Mesmo quando as crianças estão trabalhando em projetos ou jogos independentemente, os pais deveriam estar disponíveis. As crianças se sentem seguras de poderem afastar-se dos pais e ir para seus quartos ou fazer alguma outra coisa e voltar e encontrar os pais lá. Portanto, os pais, espera-se, não estão totalmente envolvidos em suas próprias buscas na Internet ou em longas conversas ao telefone. Antes, eles estão lendo o jornal, conversando um com o outro, etc. As crianças sentem uma disponibilidade calma, relaxada que não tem de ser medida. Muitos pais que são muito ocupados se queixarão "Bem, eu fiquei disponível e agora as crianças não querem conversar comigo, ou contar-me sobre a escola, ou pedir minha ajuda com o dever de casa, ou brincar comigo". É como se os pais estivessem medindo cada segundo de tempo longe do trabalho ou do computador. A questão é que as crianças precisam sentir um senso de disponibilidade relaxada. Elas têm de ser capazes de contar com os pais. Quando isso acontece, elas têm a segurança de que, quando vêm e vão, há uma base para onde voltar.

A medida que as crianças crescem, os pais também precisam ser hábeis para induzi-las a atividades que serão divertidas para ambos. Com uma criança de três anos, brincadeiras de faz-de-conta, e jogos, e atividades especiais que ela aprecie prenderão sua atenção todo o tempo. Quando as crianças têm sete, oito, nove e dez anos, entretanto, as atividades podem ser um pouco mais desafiadoras. As crianças terão seus interesses especiais, e os pais precisam juntar-se a elas, seja em esportes, dança, brincadeiras com personagens de ação de um programa de TV favorito ou jogos especiais que elas e seus amigos na escola apreciam. Nos anos da adolescência, essa interação relaxada se torna até mais difícil. Frequentemente ao levar os adolescentes de carro para cá e para lá, os pais têm uma grande chance para um diálogo mais prolongado.

Quando o tempo sozinho é excessivo

Às vezes, os pais deixam as crianças fazendo coisas sozinhas por longos períodos de tempo antes de elas terem idade suficiente. Por exemplo, alguns pais colocam seus filhos pequenos na frente da TV, a fim de poderem fazer o serviço de casa. Alguns minutos na frente de um episódio da *Vila Sésamo* poderia ser divertido, mas duas horas na frente da tela da TV é mais prejudicial do que útil para uma criança pequena. Similarmente, alguns pais acharão que porque seu filho de oito meses é uma "criança fácil", que parece satisfeita em sentar-se na cadeira de bebê e olhar em volta da cozinha, ele pode ficar ali durante duas horas, enquanto eles se ocupam com telefonemas ou outros afazeres. A criança, entretanto, não está recebendo interação suficiente durante essas horas, simplesmente porque a ela

não está sendo exigido envolvimento, interação e atenção, o que não significa que ela não se beneficiaria com isso.

Algumas crianças muito tranquilas podem ficar perdidas, de certa forma, porque eles acham muito fácil deixá-las fazer suas próprias coisas. Às vezes crianças de 18 ou 24 meses se distrairão maravilhosamente com peças de quebra-cabeças, ou, blocos, ou com caminhõezinhos e carrinhos. Não raro, envolvem-se em brincadeiras mais repetitivas do que criativas com esses objetos se ninguém estiver brincando com elas. Se forem crianças afetuosas e doces e tiverem um bom desenvolvimento de linguagem, seus pais podem não se preocupar que alguma coisa esteja indo mal, achando que têm um tipo de filho maravilhosamente auto-suficiente, tranquilo, "na dele." Por que não fazer o serviço de casa, retornar aquelas ligações ou entrar na Internet e terminar algum trabalho?

O fato é que muito tempo no modo independente, nos primeiros três anos e meio, não é a forma ideal de estar com a criança. Como limite externo, não mais de um terço do tempo de vigília da criança deveria ser passado nesse modo completamente independente e deveria ser dividido em períodos curtos, para alguns minutos aqui e ali (p.ex., 15 minutos). Estar disponível para facilitação informal, geralmente, significa um fluir e refluir entre algum tempo independente e alguma interação facilitadora. Uma criança que solicita a mamãe, ou o papai, ou os irmãos, ou uma outra pessoa criará esse ritmo por conta própria. Mas muitas crianças não comandarão os pais e podem desistir.

Até a idade de três anos, não mais do que meia hora por dia deveria ser passada na frente da TV e, para uma criança com mais de três anos, não mais do que outra meia hora trabalhando com o computador. De um modo geral, entretanto, os pais acharão que a vida anda melhor quando eles estão naquele modo facilitador informal, disponíveis para seus filhos, para ajudá-los a explorar e aprender sobre seu ambiente enquanto os pais estão fazendo algumas das coisas que precisam fazer, como ir às compras, cozinhar, limpar, ou quando a criança acompanha o pai enquanto este está envolvido em passatempos ou interesses.

Ao mesmo tempo, conforme salientamos anteriormente, os pais precisam sintonizar-se aos interesses de seus filhos. Aqui, é ideal ter alguns desses períodos de 20 minutos ou mais em que o pai se movimenta no ritmo da criança. O cuidador envolve a criança em seu mundo em brincadeiras um para um diretamente interativas. Ou talvez a criança queira explorar e o pai segue sua liderança, seja no supermercado, no jardim, ou simplesmente como ajudante do pai, brincando com aqueles potes e panelas. A chave é a disponibilidade por 20-30 minutos de cada vez, em vários momentos durante o dia.

Relacionamentos na creche

Também é importante considerar agora como esses mesmos princípios podem ser aplicados a outros contextos nos quais as crianças podem encontrar-se, tal como creches familiares, arranjos de babá temporária, bem como em ambientes institucionais e cuidado por parentes. Esses mesmos padrões para o cuidado sustentador

de crianças que estão crescendo com suas famílias se aplicam a essas outras situações. Em outras palavras, uma criança em uma creche familiar ou uma creche coletiva deveria passar a maior parte de seu tempo em atividades facilitadas ou interações diretas um para um. Entretanto, em observações de ambientes de creche verificamos que é raro haver seqüências interativas longas entre as atendentes e os bebês.

Uma vez que é tão difícil para as atendentes terem interações sustentadoras longas, quando estão cuidando de quatro ou mais bebês (o padrão na maioria das creches institucionais), e devido à rotatividade de pessoal que é característica da maioria das creches institucionais, bem como a tendência a haver mudança de equipe a cada ano, quando as crianças passam da sala de bebês para a sala de crianças pequenas e para a sala de pré-escola, acreditamos que nos primeiros dois anos de vida, a creche em tempo integral é um contexto difícil no que diz respeito a atendentes fornecerem o cuidado sustentador, contínuo por uma ou algumas atendentes que a criança requer. A creche de um turno, por outro lado, pode ser bastante útil para dar a mães e pais uma chance de fazer outras coisas e pode não comprometer a segurança do cuidado sustentador contínuo ou os tipos de experiência que descrevemos. Mas mais de 35 horas por semana, para bebês e crianças pequenas, torna muito difícil ter a consistência de cuidador e a profundidade de cuidado necessário, ou a quantidade de interação facilitadora com o ambiente, ou a interação direta que acreditamos ser saudável para eles.

Visto que algumas famílias necessitarão da creche em tempo integral, nos primeiros anos, devemos trabalhar para melhorar sua qualidade. Isso significa diminuir a proporção de criança/atendente, melhorar treinamento e salários e manutenção da mesma pessoa do nascimento até aproximadamente os três anos. Embora haja um consenso geral sobre a necessidade de melhorar as creches, as melhorias nos últimos 25 anos foram modestas. Conforme salientamos anteriormente, os estudos disponíveis sobre qualidade das creches não são otimistas. Podemos estar tentando racionalizar um sistema que simplesmente não está fornecendo o fundamental que as crianças necessitam. Portanto, pode ser melhor reconsiderar nossos pressupostos. A melhor maneira de reconsiderá-los é toda família ter informações boas e precisas. Com essa consciência, acreditamos que a maioria fará uma escolha sensata e esclarecida.

RECOMENDAÇÕES

Ao fazer as recomendações que se seguem, estamos ambos cientes do fato de que há muitas circunstâncias em que o cuidado não-parental pode ser altamente desejável ou absolutamente necessário. Pais solteiros que trabalham para pôr comida na mesa, mesmo capazes de fornecer, eles próprios, um cuidado de alta qualidade, podem não ter escolha, a não ser utilizar-se das creches por mais de 40 horas por semana. Aqui, o objetivo seria encontrar o melhor cuidado disponível e trabalhar em equipe com os donos de creches para fornecer o cuidado integrado para seu

bebê ou sua criança pequena. Pode haver famílias nas quais há estresse emocional nos indivíduos ou estresse familiar que torna altamente desejável ter 30 horas de cuidado, fornecido por outros. No final, isso fornecerá um sistema de apoio muito mais forte para esse bebê ou criança pequena. Cada circunstância tem de ser avaliada individualmente, e os pais têm de fazer escolhas sensatas e esclarecidas em relação a suas próprias situações particulares.

Relacionamentos contínuos

- Nos primeiros três anos, toda criança necessita de um ou dois cuidadores primários que permaneçam em um relacionamento constante, íntimo com aquela criança.
- Durante os tempos de bebê, dos primeiros passos, e de pré-escola, as crianças deveriam sempre estar à vista de seus cuidadores. Não deveria haver nenhum momento, a não ser quando estivessem dormindo, em que elas estivessem fora das vistas das atendentes.
- Não mais de um terço do tempo de bebês, crianças pequenas e pré-escolares deveria ser passado em atividades totalmente independentes. O tempo que é passado em atividades independentes deveria ser gasto em 10 ou 15 minutos aqui e ali em vez de um período mais longo, em atividades independentes.
- Os outros dois terços, ou tempo mais longo, deveriam ser gastos entre dois tipos de atividades: aquelas nas quais o cuidador facilita as interações com o ambiente e interação direta, como abraços, brincadeira de faz-de-conta compartilhada; e jogos de caras engraçadas. Bebês e crianças pequenas precisam de pelo menos quatro ou mais períodos de 20 minutos ou mais de interação direta. Os pré-escolares necessitam de pelo menos três dessas oportunidades de jogo interativo direto. Em uma família com os dois pais, ambos deveriam fazer parte dessas brincadeiras divertidas, espontâneas. Durante o tempo facilitado, os cuidadores estariam disponíveis para comentar, responder e ajudar as explorações da criança, embora também envolvidas em outras atividades, como cozinhar ou colocar roupas na máquina de lavar. Parte desse tempo, a criança poderia estar acompanhado os pais ao supermercado ou sendo um minichefe de cozinha.
- Durante os anos escolares, quando consideramos o tempo disponível, estamos considerando o tempo menos as horas de escola, atividades após a escola e brincadeiras com os amigos. Aqui, também, recomendamos que, do tempo disponível, dois terços sejam passados com o cuidador estando disponível para facilitar ou interagir diretamente. O tempo "de facilitação" poderia ser passado ajudando a criança com o dever de casa, com passatempos ou outras atividades. As horas de envolvimento direto, que deveriam incluir pelo menos dois períodos de 20 minutos (cada um dos pais deveria participar quando possível), poderiam significar brinquedo imaginativo, jogos ou outras atividades nas quais a criança pudesse assumir a liderança.
- Recomendamos que os pais que trabalham estejam ambos disponíveis por pelo menos dois terços das horas vespertinas, de 17h30min ou das 18 às 21 horas, e

que, se possível, além disso, um dos pais esteja disponível no final da tarde quando as crianças estão em casa, freqüentemente brincando com amigos ou irmãos, ou envolvidos em atividades pós-escola. Além disso, os pais deveriam estar suficientemente disponíveis de modo que eles ou as crianças não tenham que estar medindo cada momento do tempo, e que as orientações apresentadas acima possam ser seguidas.

Licença parental

Recomendamos uma licença da maior parte do primeiro ano de vida para um dos pais.²⁴

Creche

- Não recomendamos creche de tempo integral, 30 horas ou mais de cuidado por pessoas estranhas, para bebês e crianças pequenas se os pais forem capazes de fornecer, eles próprios, um cuidado de alta qualidade e se eles tiverem opções razoáveis. Também recomendamos melhorar consideravelmente as creches, diminuindo as proporções, melhorando o treinamento e salários, e, para crianças em creches de tempo integral, manter a mesma atendente com o bebê por três a quatro anos. Aquelas famílias que necessitam de creche terão então opções de creches com melhor qualidade do que as que existem hoje.
- Nos primeiros três anos, uma atendente primária deveria cuidar de cada criança e a mesma deveria permanecer de um ano para outro.
- No primeiro ano não, deveria haver mais de três bebês para um adulto.
- No segundo ano, não deveria haver mais de quatro crianças para um adulto.
- No terceiro e quarto anos, não deveria haver mais de cinco a oito crianças para um adulto.²⁵

Ambientes de grupo ou institucionais

- Vários tipos de arranjos institucionais, incluindo crianças em situações de grupo, precisam seguir as mesmas orientações apresentadas anteriormente para a família. O cuidado sustentador contínuo, com uma ou algumas auxiliares primárias constantes, deveria incluir interações diretas ou "facilitadas" por pelo menos dois terços do tempo disponível. Treinamento no serviço, maiores incentivos financeiros com experiência e treinamento e estrutura de apoio para facilitar atitudes sustentadoras são, todos, componentes importantes para satisfazer estas necessidades de cuidado sustentador contínuo em ambientes de grupo ou institucionais.

TV

- Nos três primeiros anos, não mais de meia hora por dia deveria ser passada assistindo à TV. Após os três anos de idade, cerca de meia hora adicional de TV ou computador poderia ser compartilhada com um dos pais.

Mães na prisão

- Deveriam ser feitos esforços para manter os bebês com as mães e incentivar aquele relacionamento, se houver razão para acreditar que a mãe logo será capaz de retornar para a sociedade e tomar conta dele.

Adoção

- Os regulamentos de adoção precisam ser revistos, e é preciso mais atenção às necessidades da criança. O desenvolvimento das crianças é prejudicado por longos períodos de tempo, em diferentes tipos de cuidado, com diferentes atendentes. Em situações de contestação, quando o pai adotivo está disposto a adotar uma criança, mas o pai biológico é ambivalente, o apoio de serviço social deveria tentar elaborar um tipo de sistema de apoio de família, extensivo para a criança que satisfaça as necessidades de todos.
- A mãe biológica deveria ter não mais de dois meses para tomar uma decisão final sobre a adoção. Toda mãe que é ambivalente em relação à gravidez deveria primeiro receber aconselhamento para ficar sabendo sobre suas opções, se levar a gravidez até o fim, e para decidir se quer ou não ficar com o bebê.
- Bebês recém-nascidos deveriam passar por uma avaliação neurológica e comportamental completa antes da adoção, e os resultados deveriam ficar disponíveis para o pai adotivo.

Adoção provisória

- Toda criança que é candidata à adoção provisória deveria passar por uma avaliação detalhada, que seria discutida e explicada aos pais adotivos para ajudá-los a tomar uma decisão.
- A adoção provisória para crianças precisa focalizar-se no cuidado do ponto de vista da criança. Isso significa incentivos para os pais adotivos permanecerem com a mesma criança, mesmo sendo difícil, incluindo maior apoio do serviço social e oportunidades de treinamento. Uma remuneração mais alta deveria estar disponível para pais adotivos com base na quantidade de treinamento e experiência, e na capacidade de permanecer com crianças até a adoção.

Custódia

- O sistema legal precisa revisar as orientações em casos de divórcio e separação para levar em consideração as necessidades das crianças por relacionamentos sustentadores contínuos. As crianças não deveriam ser separadas do pai cuidador primário para dormir fora de casa até os três anos de idade, a menos que a criança veja ambos os pais muitas vezes por semana e se sinta segura com ambos. A visitação diária ou muito freqüente, pelo menos semanalmente, pelo pai que não tem a custódia, deveria ser encorajada para facilitar um relacionamento sustentador contínuo com ambos os pais em uma situação de divórcio, ou de custódia contestada. Visitas mais longas, como férias, deveriam ser adapta-

das à idade da criança e também ao grau de segurança que ela sente com o pai que não tem a custódia. A menos que a criança veja ambos os pais muitas vezes por semana, o arranjo de dormir fora deveria ser iniciado gradualmente entre as idades de três e sete anos, começando com uma noite e talvez alguns meses mais tarde uma segunda noite, e então visitas mais longas, adaptando as recomendações ao nível de conforto e segurança da criança. A seguir, alguns exemplos de orientações.

VARA DE FAMÍLIA DO CONDADO DE KING (ESTADO DE WASHINGTON)²⁶

Orientações de visitação: custódia compartilhada

Nenhum modelo de visitas se ajusta a todas as famílias.

Bebê (0-1):

- Consistência de cuidado físico e emocional.
- Relacionamentos íntimos com adultos sustentadores.
- O rompimento pode ser sério, pode causar regressão.
- Visitação: Frequente, mas não mais de uma a três horas cada vez; mesma casa.

Criança Pequena (1-3½):

- Rompimento externo pode ser criticamente prejudicial.
- Visitação: Visitas diurnas frequentes de quatro a oito horas; dormir fora apenas quando a criança está familiarizada com a casa do outro pai; por volta dos três anos, uma noite ou um fim de semana fora de casa.

Pré-Escolar (3½-5):

- Aumentar visitas com irmãos ou outras crianças.
- Visitação: Visitas diurnas semanais; no mínimo dois fins de semana por mês; visitas prolongadas de duas semanas a cada vez, mas com contatos com o pai que tem a custódia.

Idade de Ensino Fundamental (5-9):

- Visitação: Dois fins de semana por mês; visitas prolongadas de até quatro a seis semanas.

Plano de parentagem

Um bom plano de parentagem desenvolvido para uma família deveria basear-se nas seguintes considerações:

1. As necessidades de desenvolvimento e idade de cada criança.
2. Os vínculos psicológicos de cada criança.
3. A forma como as tarefas de criação da criança foram compartilhadas durante o casamento.
4. A preservação ou desenvolvimento de um relacionamento íntimo com cada um dos pais.

5. Uma programação consistente e previsível que minimize a transição entre as duas casas.
6. O temperamento de cada criança e sua capacidade de lidar com mudança.
7. As exigências de carreira e os horários de trabalho dos pais.
8. A necessidade de revisão periódica do plano, observando sinais de problema e revisando à medida que as necessidades e circunstâncias de cada criança mudem.

Avaliação

- A. Entrevistar e testar os respectivos pais.
- B. Observar e examinar criança(s) menor(es) na interação com o Pai-1.
- C. Observar e examinar criança(s) menor(es) na interação com o Pai-2.
- D. Examinar criança(s) menor(es) individualmente.
- E. Revisar os registros e fazer contatos colaterais.
- F. Classificar e interpretar dados de teste; integrar achados e formular opiniões e recomendações.

NOTAS

1. A experiência pode estimular alterações hormonais; por exemplo, o toque tranquilizador parece liberar hormônios de crescimento, e hormônios como oxitocina parecem promover processos emocionais críticos como afiliação e intimidade. Além disso, estresse emocional está associado a alterações na fisiologia cerebral. S.M.Schanberg e T.M. Field, "Sensory Deprivation Stress and Supplemental Stimulation in the Rat Pup and Preterm Human Neonate," *Child Development* 58 (1987): 1431-47.

2. Ver T.N. Wiesel and D.H. Hubel "Single-Cell Responses in Striate Cortex of Kittens Deprived of Vision in One Eye," *Journal of Neurophysiology* 26 (1963): 1003-17; W. Singer, "Neuronal Activity as a Shaping Factor in Postnatal Development of Visual Cortex," *Developmental Neuropsychobiology*, ed. W.T. Greenough and J.M. Juraska (Orlando: Academic Press, 1986): 271-93, A. Hein and R.M. Diamond, "Contribution of Eye Movement to the Representation of Space," *Spatially Oriented Behavior*, ed. A. Hein and M. Jeannerod (New York: Springer, 1983): 119-34.

3. Ver, por exemplo, B.D. Perry, "Incubated in Terror: Neurodevelopmental Factors in the 'Cycle of Violence,'" *Children, Youth and Violence: Searching for Solutions*, ed. J. Osofsky (New York: Guilford, 1995).

4. Ver, por exemplo, M.A. Hofer, "On the Nature and Function of Prenatal Behavior," *Behavior of the Fetus*, ed. W. Smotherman and S. Robinson (Caldwell, NJ: Telford, 1988); idem, "Hidden Regulators: Implications for a New Understanding of Attachment, Separation, and Loss," *Attachment Theory: Social, Developmental, and Clinical Perspectives*, ed. S. Goldberg, R. Muir, and J. Kerr (Hillsdale, NJ: Analytic Press, 1995): 203-30; P. Rakic, J. Bourgeois, and P. Goldman-Rakic, "Synaptic Development of the Cerebral Cortex: Implications for Learning, Memory, and Mental Illness," *The Self-Organizing Brain: From Growth Cones to Functional Networks*, ed. J. van Pelt, M.A. Corner, H.B.M. Uylings, and F.H. Lopes da Silva (New York: Elsevier Science, 1994): 227-43.

5. Brazelton, T. B. "Behavioral Competence of the Newborn Infant." In *Neonatology*. Ed. E. B. Avery et al. Philadelphia: Lippincott, Williams and Wilkins, 1999.
6. Brazelton, T. B. and B. Cramer, *The Earliest Relationship: Parents, Infants and the Drama of Early Attachment* (Cambridge, Mass.: Perseus Publishing, 1990); T. B. Brazelton, *Touchpoints: Your Child's Emotional and Behavioral Development* (Cambridge, Mass.: Perseus Publishing, 1992).
7. Para uma discussão mais detalhada da relação entre interações emocionais e inteligência e crescimento emocional ver S.I. Greenspan, *The Growth of the Mind* (Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1997), e S.I. Greenspan, *Building Healthy Minds* (Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1999).
8. Greenspan, S. I. and Wieder, S. *The Child With Special Needs*. Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1998. S. G. Greenspan with Jacqueline Salmon. *The Challenging Child*. Cambridge, MA, Perseus Publishing, 1995.
9. [T.B.B.]: A Avaliação neonatal (Escala de Avaliação Comportamental Neonatal, ou - NBAS) foi desenvolvida em 1973, para avaliar os comportamentos complexos do bebê recém-nascido. Não apenas os recém-nascidos podem ver e ouvir, mas também podem manter a atenção e registrar excitação e interesse em rostos, vozes, numa bola vermelha, em barulhos ao redor. Eles podem barrar estímulos auditivos ou táteis intrusivos repetidos. É a forma como bebês recém-nascidos respondem a estes estímulos e ao reflexo sobre seus sistemas neurológicos que dá a um observador uma indicação do tipo de pessoa que esse bebê pode ser. Sua reação a técnicas de tranquilização quando está ativo ou chorando pode dar aos novos pais uma percepção de seu futuro trabalho como cuidadores. A NBAS não é apenas diagnóstico de qualquer comprometimento ou efeitos intrauterinos, mas compartilhar o comportamento do recém-nascido com pais novos, ansiosos é o uso mais valioso da avaliação. Temos 48 estudos demonstrando o poder do comportamento do recém-nascido de atrair os novos pais para vinculação ao bebê, mas também pode ser demonstrado que os pais se tornam mais ligados e confiantes no sistema médico disponível para eles e a criança. Ter conhecimento do maravilhoso uso de estados de consciência pelo bebê recém-nascido (sono, vigília e alerta, choro) foi a chave para a vinculação dos pais. Para mais informações, ver T.B. Brazelton e J.K. Nugent, *Neonatal Behavioral Assessment Scale*, 3.ed. (New York: Cambridge University Press, 1996).
10. Greenough, W. T. and J. E. Black, "Induction of Brain Structure by Experience: Substrates for Cognitive Development," *Developmental Behavioral Neuroscience* 24 [1992]: 155-299; I. J. Weiler, N. Hawrylak, and W. T. Greenough, "Morphogenesis in Memory Formation: Synaptic and Cellular Mechanisms," *Behavioural Brain Research* 66 [1995]: 1-6. R. L. Holloway, "Dendritic Branching: Some Preliminary Results of Training and Complexity in Rat Visual Cortex," *Brain Research* 2 (1966): 393-96; A. M. Turner and W. T. Greenough, "Synapses per Neuron and Synaptic Dimensions in Occipital Cortex of Rats Reared in Complex, Social, or Isolation Housing," *Acta Stereologica* 2, suppl. 1 (1983): 239-44; idem, "Differential Rearing Effects on Rat Visual Cortex Synapses, I: Synaptic and Neuronal Density and Synapses per Neuron," *Brain Research* 329 (1985): 195-203; C. Thinus-Blanc, "Volume Discrimination Learning in Golden Hamsters: Effects of the Structure of Complex Rearing Cages," *Developmental Psychobiology* 14 (1981): 1397-403. T. N. Wiesel and D. H. Hubel, "Single-Cell Responses in Striate Cortex of Kittens Deprived of Vision in One Eye," *Journal of Neurophysiology* 26 (1963): 1003-17; W. Singer, "Neuronal Activity as a Shaping Factor in Postnatal Development of Visual Cortex," in *Developmental Neuropsychobiology*, ed. W. T.

- Greenough and J. M. Juraska (Orlando: Academic Press, 1986): 271-93; A. Hein and R. M. Diamond, "Contribution of Eye Movement to the Representation of Space," in *Spatially Oriented Behavior*, ed. A. Hein and M. Jeannerod (New York: Springer, 1983), pp. 119-34. B. D. Perry, "Incubated in Terror: Neurodevelopmental Factors in the 'Cycle of Violence,'" in *Children, Youth and Violence: Searching for Solutions*, ed. J. Osofsky (New York: Guilford, 1995).
11. Brazelton, T. B. and H. Als, "Four Early Stages in the Development of Mother-Infant Interaction." In A. Solnit et al. (eds.), *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. 34 (Madison, CT: International Universities Press, 1979).
12. Brazelton, T. B. *Infants and Mothers: Difference in Development* (New York: Delacorte Press, 1969, 1983).
13. Winnicott, D. W. (1896-1971) influential British pediatrician and psychoanalyst.
14. Norton, D., "Diversity, Early Socialization and Temporal Development," *Social Work* 38: 82-90.
15. Field, T., "Affective and Interactive Disturbance in Infants." In J. D. Osofsky (ed.), *Handbook of Infant Development*, pp. 972-1005. New York: Wiley, 1987.
16. Tronick, E., H. Als, L. Adamson, S. Wise, and T. B. Brazelton. "The Infant's Response to Entrapment Between Contradictory Messages in Face-to-Face Interaction." *Journal of the Academy of Child Psychiatry* 17, 1-13, 1978.
17. O projeto *Touchpoints* do Hospital da Criança de Boston treina profissionais de várias disciplinas na intervenção precoce com pais e bebês. O objetivo é melhorar o cuidado de saúde preventivo e o cuidado da criança com os pais envolvidos. Para uma melhor descrição desse projeto, ver Apêndice.
18. Association of Family and Visitation Courts. 329 West Wilson St. Madison, WI 53703. 608-251-4001.
19. Governor's Blue Ribbon Commission on Foster Care, March 1992.
20. Brazelton, T. B. and J. K. Nugent. *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. 3rd Edition. New York: Cambridge University Press, 1996, pp. 1-4.
21. Skeels, H. M. and H. Skodak. "A Study of the Effects of Environmental Stimulation." In *University of Iowa Studies in Child Welfare*. Vols. 15 and 16. University Park, IA, 1939.
22. Lvoff, N. M., U. Lvoff, and M. H. Klaus. "Effect of the Baby-Friendly Initiative on Infant Abandonment in a Russian Hospital." *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, Vol. 154, May 2000, pp. 474-477.
23. See *Building Healthy Minds* 1999 and *Playground Politics* 1993 by S. Greenspan both Cambridge M.A.: Perseus Publishing for detailed discussion.
24. Hopper P. and E. G. Zigler, "The Medical and social science basis for a national infant care leave policy." *American Journal of Orthopsychiatry* 58: 324-338.
25. Halcomb, B. et al "Childcare: How does your state rate?" *Working Mother*, July/August 1998.
26. Essas orientações foram gentilmente fornecidas pela Dra. Carol Grey, psicóloga forense de Seattle, Washington.